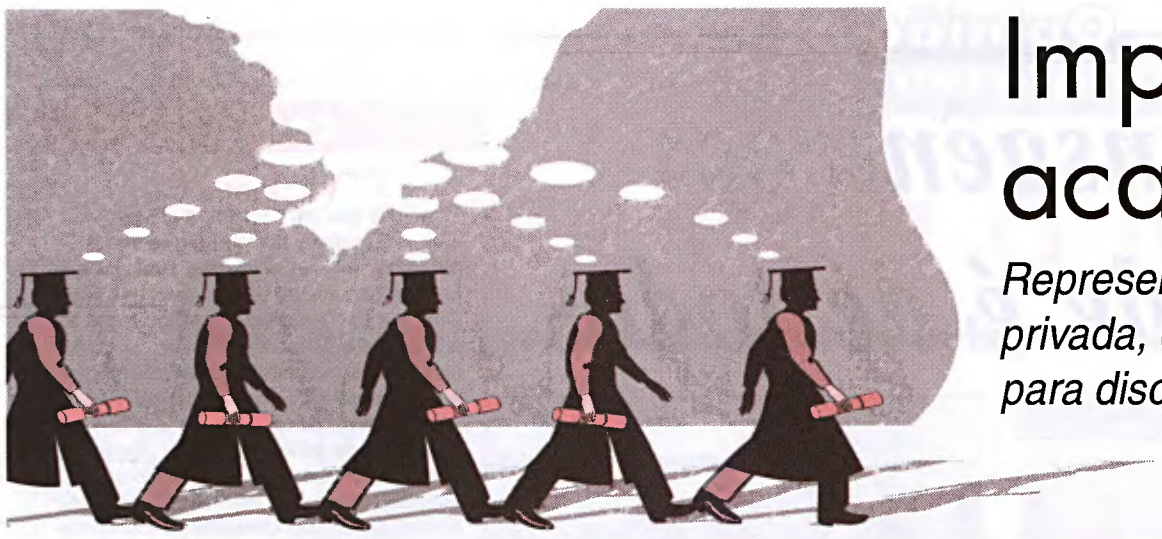
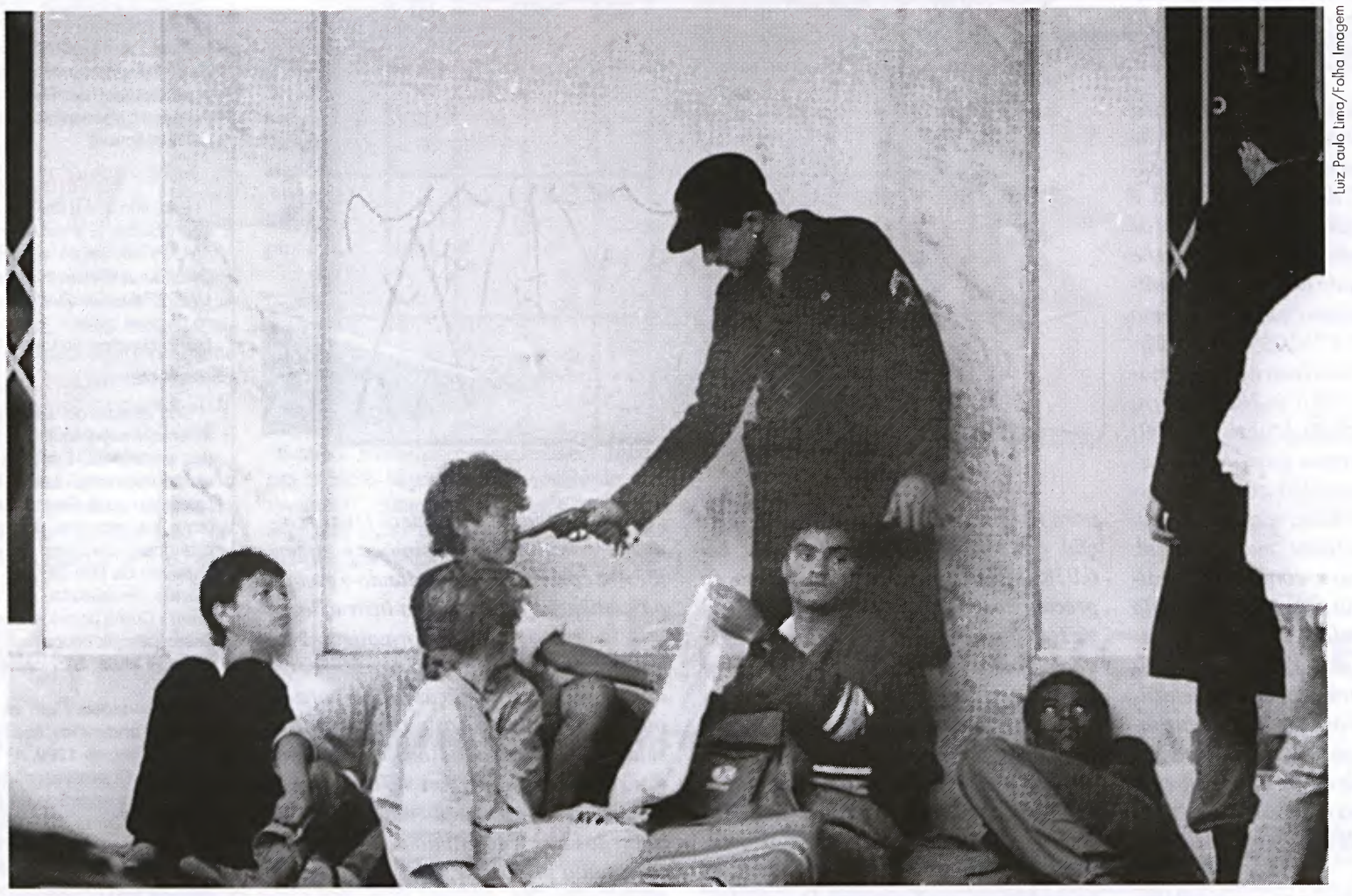


Impasse na academia

Representantes das universidades pública e privada, do Mec, da Fapesp e da Une reúnem-se para discutir os rumos dessa instituição secular.

Págs. 4 e 5

Jornal da UNESP
UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA
AGOSTO/2000 - ANO XVI - Nº 149



Luiz Paulo Lima/Folha Imagem

A explosão da barbárie

Números estarrecedores alinham o Brasil aos países mais violentos do mundo. As razões para esse cenário de caos são muitas, mas entre as principais estão o despreparo e a corrupção policiais. Págs. 8 e 9

Iena Trindade/N Imagens

Verde esperança

Cientistas descobrem espécies vegetais com ação antibiótica, antitumoral e antioxidante na Mata Atlântica e no cerrado paulista (*foto*).

Pág. 13

Um tributo a Eça de Queirós, cem anos depois de sua morte. *Pág. 16*

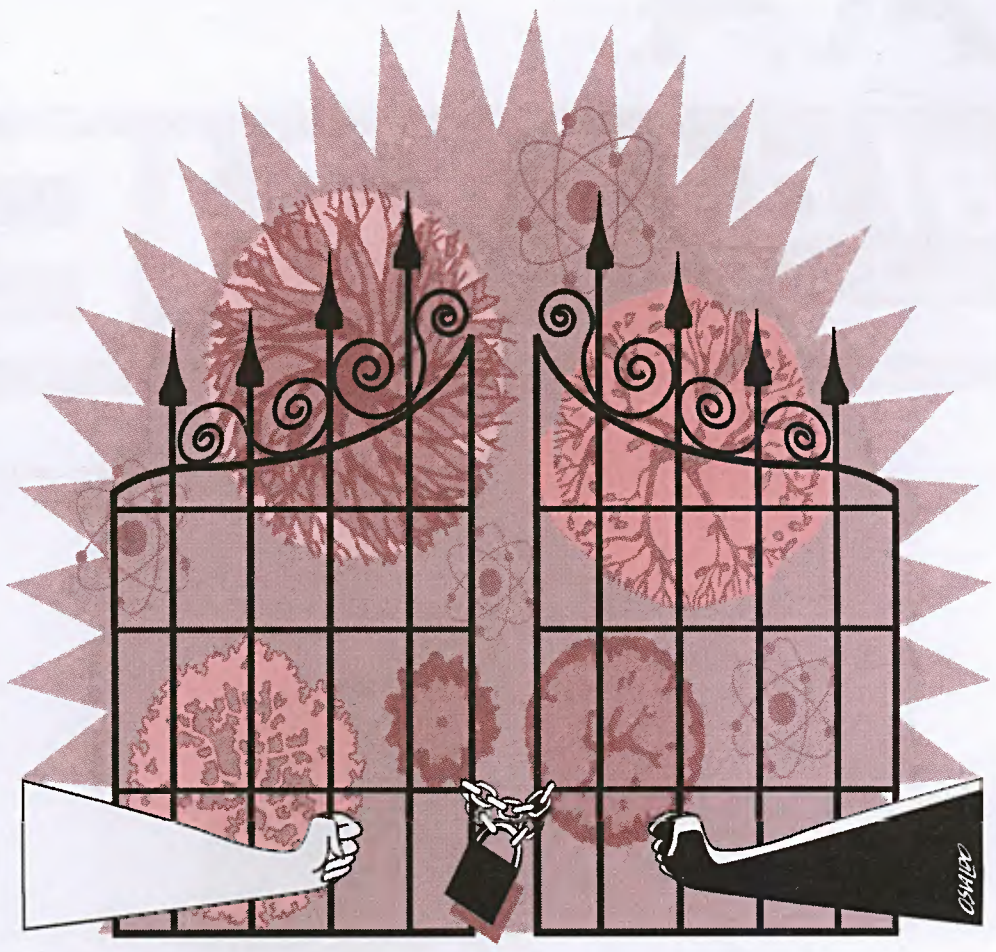
ELEIÇÕES

Nove postulantes aos cargos de reitor e vice-reitor apresentam suas candidaturas. *Pág. 3*

Alimentos transgênicos: a responsabilidade é de todos

PAULO AFFONSO LEME MACHADO

A participação na realização da segurança dos procedimentos de engenharia genética que possam causar danos ambientais é um dever constitucional. À coletividade cabe defender o meio ambiente para as presentes e as futuras gerações, segundo o Art. 225 da Constituição Federal. O estudo prévio de impacto ambiental, assegurada a sua publicidade, é o procedimento indicado para apontar como prevenir os danos.



A utilização da engenharia genética pressupõe a aplicação de "normas de segurança e de mecanismos de fiscalização", e o art. 1º da Lei 8.974/1995 é claro a respeito. A Comissão Técnica Nacional de Biossegurança (CTNBio) é o órgão encarregado de "propor a política nacional de biossegurança", como quer o Decreto nº 1.752/1995 – art. 2º.

A CTNBio editou a Instrução Normativa nº 19 de 19 de abril de 2000 (Diário Oficial da União de 20 de abril de 2000) estabelecendo normas para a realização de audiências públicas. Foram especificadas finalidades da audiência, que iremos mencionar mais adiante, principalmente para conferir se realmente elas poderão ser cumpridas, pelo sistema criado pela Comissão. Constam como escopo da audiência "permitir o debate de caráter técnico-científico de matérias da área de biossegurança, propiciando aos setores interessados a possibilidade de encaminhamento de pleitos, opiniões e sugestões" e "ampliar a publicidade da ação regulatória da CTNBio".

Encontramos diversas contradições na Instrução Normativa nº 19.

1. Audiência pública: convocação só com decisão da própria CTNBio. A Comissão Técnica Nacional de Biossegurança quis centralizar todos os poderes para a realização da audiência. Esqueceu a elogiável – e saudável – experiência do CONAMA (Conselho Nacional do Meio Ambiente), em que 50 ou mais cidadãos ou o Ministério Público podem solicitar a audiência pública e, com essa solicitação, a audiência passa a ser obrigatória.

Um órgão público não busca a informação científica, ainda que divergente, somente quando tiver vontade, mas a produção ou a procura das informações para o próprio órgão ou para a população é um dever legal (art. 9º da Lei 6.938/1981). É a base do princípio da precaução.

2. A audiência da CTNBio não é pública, é uma audiência seletiva: A instrução nº 19 diz que a "Comissão selecionará, para serem ouvidas, as pessoas e os especialistas ligados às entidades participantes, cabendo à presidência expedir os convites". Continua o fechamento à participação, ao dizer a instrução "além do convite para participação na audiência, será autorizado o credenciamento de entidades..."

Audiência pública é um "conjunto de pessoas que assistem a um espetáculo, a uma reunião, a uma manifestação; assistência, audiência, auditório" (Dicionário Aurélio). *Essa filtragem dos participantes a audiência mostra que o nome utilizado está incorreto – trata-se de "audiência seletiva" e não pública.*

Diz a instrução nº 19 "cada convidado deverá limitar-se ao tema ou a questão...". Como se vê, somente poderá usar da palavra perante a CTNBio o representante da entidade, ou a pessoa, que a comissão quiser ouvir. Assim, a comissão abre os ouvidos somente a opiniões que quer levar em conta. Ninguém, a não ser os "convidados", poderá levar realmente seus "pleitos, opiniões e sugestões" à comissão, contrariando o escopo da audiência, apontado na instrução.

A recente instrução normativa nº 19 merece ser alterada para possibilitar a abertura da participação. Essa participação permitirá que os atos da CTNBio sejam bem motivados ou fundamentados, como manda a Lei 9.784/1999. A sabedoria e a precaução não são monopólio dos que têm o título de doutorado. Cidadania pratica-se, sim, com os doutores, mas não somente com eles – o conceito de cidadania, afinal, todos sabemos, é muito mais amplo e comporta uma insuspeita diversidade.

A abertura para a participação não pode constituir uma farsa. A CTNBio precisa ouvir aqueles que têm algo a informar, nas questões ligadas aos alimentos transgênicos, para que sejam avaliados os riscos à saúde humana e ao meio ambiente, como exige a legislação brasileira e a Convenção sobre a Diversidade Biológica.

Paulo Affonso Leme Machado é professor de Direito Ambiental do Instituto de Biociências da UNESP, câmpus de Rio Claro.

CARTAS

MEIO AMBIENTE

Incrível que um país como o Brasil, com uma diversidade tão grande de recursos naturais, tenha uma legislação tão pífia e confusa para cuidar do seu meio ambiente. Chega a ser assustador constatar que as próprias entidades que deveriam cuidar das nossas riquezas naturais não conseguem se entender, como deixou claro a reportagem *O paraíso, de A a Z*, publicada na edição de julho, nº 148, do ***Jornal da UNESP***. Parabéns à pesquisadora Lídia Almeida Barros que, com seu *Vocabulário Enciclopédico das Unidades de Conservação do Brasil*, dá contribuição importante para que, pelo menos, se tenha acesso a informações básicas sobre as unidades de conservação do País.
Fábio Zimmerman, Araçatuba, SP.

CARANGUEJO-UÇÁ

Excelente a reportagem *S.O.S. caranguejo*, publicada na edição de junho último do ***Jornal da UNESP***, nº 147, sobre a biologia do caranguejo-uçá, para a qual eu fui entrevistado. Tenho sido procurado por várias pessoas, em busca de informações, conselhos e estágios. Como circula o nosso jornal! Parabéns!
Marcelo Antonio Amaro Pinheiro, biólogo do Departamento de Biologia Aplicada à Agropecuária da Faculdade de Ciências Agrárias e Veterinárias da UNESP, câmpus de Jaboticabal.

ESPÍRITO DE CORPO

É sabido que a universidade pública está agonizando. E é evidente, também, que é preciso um férreo espírito de corpo para defendê-la. Tenho certeza que o ***Jornal da UNESP*** aprofundará esse debate, em busca de uma saída.
Mário Martins de Lima, Campinas, SP.

ANDARILHOS

Sou diretora de teatro e estou trabalhando em um espetáculo que aborda a questão dos andarilhos. Em uma visita ao *site* de vocês, li um artigo a respeito da pesquisa do psicólogo José Sterza Justo acerca deste tema. Há, inclusive, um boxe falando sobre o também psicólogo Fernando Cantelmo, ex-aluno da UNESP que viajou por Minas Gerais de carona, na melhor tradição "beat". Como posso entrar em contato com esses pesquisadores?
Simone Livis, São Paulo, SP.

A reportagem Com os pés na estrada, *sobre os andarilhos, foi publicada na edição de Jan./Fev. de 1999, nº 132 do* **Jornal da UNESP**. *O professor José Sterza Justo pode ser encontrado na Faculdade de Ciências e Letras da UNESP, câmpus de Assis, pelo telefone (0xx18) 322-2933. Fernando Cantelmo pode ser contatado pelo telefone (0xx11) 3666-8246.*

ESTUDOS AMBIENTAIS

Lendo o ***Jornal da UNESP***, descobri, há pouco, a existência do Centro de Estudos Ambientais (Cea), no câmpus de Rio Claro. Gostaria de entrar em contato com os responsáveis. Sou formada em História, pela UNESP (câmpus de Assis), trabalho com jornalismo há três anos e pretendo fazer uma pós na área, mas antes gostaria de conhecer melhor as formas de atuação do Cea.
Fernanda Fazano, Assis, SP.

O **Jornal da UNESP** *publicou ampla reportagem sobre o Cea em sua edição de nº 145, de abril último. Outras informações sobre o centro podem ser obtidas pelo telefone (0xx16) 534-0122 ou pelo* e-mail cea@life.ibrc.unesp.br

Correspondência para esta seção
cartasjornal@reitoria.unesp.br

unesp
UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA

Reitor: Antonio Manoel dos Santos Silva
Vice-reitor: Luis Roberto de Toledo Ramalho
Pró-reitor de Administração: Ricardo Antonio de Arruda Veiga
Pró-reitora de Graduação: Maria Aparecida Viggiani Bicudo
Pró-reitor de Pós-Graduação e Pesquisa: Fernando Mendes Pereira
Pró-reitor de Extensão Universitária: Edmundo José De Lucca
Secretária Geral: Maria de Lourdes Mariotto Haidar

Diretores das Unidades Universitárias: Francisco Antonio Bertoz (FO-Araçatuba), Paulo Eduardo de Toledo Salgado (FCF-Araraquara), Ricardo Samih Georges Abi Rached (FO-Araraquara), Cláudio Gomide de Souza (FCL-Araraquara), José Roberto Emandes (IQ-Araraquara), João da Costa Chaves Junior (FCL-Assis), Cleide Santos Costa Biancardi (FAAC-Bauru), José Misael Ferreira do Vale (FC-Bauru), Edwin Avolio (FET-Bauru), Elias José Simon (FCA-Botucatu), Paulo Eduardo de Abreu Machado (FM-Botucatu), Sheila Zambello de Pinho (IB-Botucatu), Eunice Oba (FMVZ-Botucatu), Luiz Antonio Soares Hentz (FHDSS-Franca), Guilherme Eugênio Filippo Fernandes Filho (FE-Guaratinguetá), Orivaldo Arf (FE-Ilha Solteira), José Antonio Marques (FCAV-Jaboticabal), Antônio Geraldo de Aguiar (FFC-Marília), Messias Meneguette Junior (FCT-Presidente Prudente), Massanori Takaki (IB-Rio Claro), Silvio Carlos Brey (IGCE-Rio Claro), Maria Dalva Silva Pagotto (Ibilce-São José do Rio Preto), Maria Amélia Máximo de Araújo (FO-São José dos Campos) e Marisa Trench de Oliveira Fonterrada (IA-São Paulo).

JORNAL DA UNESP
Editor chefe: José Roberto Ferreira
Editor: Paulo Velloso
Redação: Evanildo da Silveira e Oscar D'Ambrosio
Editor de Arte: Celso Pupo
Edit. Eletrônica: Paulo Nunes Rocha
Fotografia: Hélcio Toth
Colaboraram nesta edição: Renata Franco (reportagem); Batistão, Orlando, Osvaldo e Paulo Zilberman (ilustração)

Produção: Mara R. Marcato
Revisão: Maria Luiza Simões
Tiragem: 18.000 exemplares
Este jornal, órgão da Reitoria da UNESP, é elaborado mensalmente pela Assessoria de Comunicação e Imprensa.
A reprodução de artigos, reportagens ou notícias é permitida, desde que citada a fonte.
Endereço: Alameda Santos, 647, 13º andar, CEP 01419-001, São Paulo, SP. Telefone (0xx11) 252-0323 e 252-0327. Fax (0xx11) 252-0207. e-mail: aci@reitoria.unesp.br
Solicitação de jornais ou mudança de endereço: maramar@reitoria.unesp.br
Redação: jornaldaunesp@reitoria.unesp.br
home-page: http://www.unesp.br/jornal/
Fotolito e Impressão: Imprensa Oficial

Foi dada a largada

Início do processo é antecipado e Colégio Eleitoral vota o calendário oficial

O processo sucessório da UNESP, que definirá o reitor e vice-reitor para o quadriênio 2001/04, já começou oficialmente. No último dia 12 de julho, o Colégio Eleitoral da Universidade – formado pelos membros dos Conselhos Universitário (CO), de Ensino, Pesquisa e Extensão Universitária (CEPE) e de Administração e Desenvolvimento (CADE) – se reuniu para votar um calendário e eleger a Comissão Eleitoral Central. Ficou decidido que os trabalhos se iniciam efetivamente no dia 3 de agosto, quando o Colégio Eleitoral apreciará e votará as normas elaboradas pela comissão (*veja quadro abaixo*).

A data representa uma antecipação de cerca de um mês em relação às eleições anteriores. "É uma forma de dar mais tempo aos candidatos para visitar as unidades universitárias e expor suas propostas", argumentou o reitor Antonio Manoel dos Santos Silva, durante a reunião. "Além disso, dessa forma aumentam as chances de o governador escolher o futuro reitor bem antes do final do ano, possibilitando que o eleito comece 2001 com sua equipe já formada e articulada e com um plano de gestão montado."

A Comissão Eleitoral Central é formada por sete integrantes. Seguindo as normas da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB), que estipula em 70% o mínimo de docentes presentes nos colegiados, é composta por cinco professores, um funcionário técnico-administrativo e um estudante, além de quatro suplentes (*veja relação ao lado*). Cabe a esta comissão a tarefa de, baseando-se no Estatuto da UNESP, estabelecer regulamentos para todo o processo eleitoral e sua própria atuação. "A comissão deverá acompanhar a atuação dos candidatos, inclusive eticamente, avaliar eventuais problemas, manter contato com as comissões locais, apurar denúncias, enfim, fazer o meio-de-campo do processo eleitoral", explicou Antonio Manoel.

O Colégio Eleitoral aprovou a indicação do professor Orivaldo Arf, diretor da Faculdade de Engenharia (FE) do câmpus de Ilha Solteira, para ser o presidente da comissão. "Estamos recebendo e colocando em discussão também sugestões da comunidade universitária", comentou Arf. As reuniões da comissão estão acontecendo no prédio da Reitoria, em São Paulo.

ATUAÇÃO
Comissão Eleitoral: regulamentos

Hélcio Toth

CALENDÁRIO DO PROCESSO ELEITORAL

3 de agosto	Aprovação, pelo Colégio Eleitoral, das normas elaboradas pela Comissão Eleitoral Central
15 de agosto	Inscrição dos candidatos a reitor e vice-reitor
2 a 4 de outubro	Consulta à comunidade universitária
4 de outubro	Apuração
9 de outubro	Elaboração das listas tríplices pelo Colégio Eleitoral
10 de outubro	Encaminhamento das listas tríplices ao governador

COMPOSIÇÃO DA COMISSÃO ELEITORAL CENTRAL

Pelo CO
- Orivaldo Arf (FE, de Ilha Solteira) - presidente
- Loriza Lacerda de Almeida (FAAC, de Bauru)
- José Roberto Ernandes (IQ, de Araraquara)
- suplente Edson Antonio Capello Souza (FE, de Bauru)

Pelo CEPE
- Carlos Roberto Grandini (FC, de Bauru)

Pelo CADE
- Vanildo Luiz Del Bianchi (Ibilce, de S. J. do Rio Preto)
- suplente, também pelo CEPE, Johnny Rizzieri Olivieri (Ibilce)

Corpo técnico administrativo
- Aurélio Teixeira da Silva (IB, de Rio Claro)
- suplente Maria Clara Pinheiro Manoel (FM, de Botucatu)

Corpo discente
- Sérgio Augusto Prado (FHDSS, de Franca)
- suplente Vanderley Baliero Júnior (FE, de Ilha Solteira)

Reitor e vice, escolhidos separadamente

Governador receberá duas listas tríplices

Ao contrário das eleições anteriores, os candidatos a reitor e a vice-reitor da UNESP serão escolhidos em separado, embora a campanha possa ser feita conjuntamente. "É a primeira vez que isto acontece, mas estamos seguindo uma determinação da LDB", explica a professora Maria de Lourdes Mariotto Haidar, secretária geral da Universidade. "Serão enviadas ao governador Mário Covas, assim, duas listas tríplices". Isso não impede, porém, que os "reitoráveis" recebam apoio de candidatos a vice, mesmo que a comunidade universitária e, posteriormente, Covas, escolham para a Reitoria candidatos que não fizeram a campanha juntos.

A inscrição só será oficializada no dia 15 de agosto. Apesar disso, reuniões, debates e distribuição de material de campanha nas unidades universitárias demonstram que os candidatos já estão se aproximando da comunidade, apresentando seus planos para administrar a Universidade pelos próximos quatro anos. Eis os candidatos que até o final de julho manifestaram o desejo de ocupar o cargo mais importante da UNESP:

O PERFIL DOS CANDIDATOS

REITOR

Amilton Ferreira, 59 anos. Geneticista, sua linha de pesquisa são mecanismos de determinações sexuais complexas. Está na UNESP há 34 anos. Professor titular do Departamento de Biologia do Instituto de Biociências (IB) do câmpus de Rio Claro. É diretor presidente da Fundunesp.

José Carlos Souza Trindade, 64 anos. Médico urologista, atua na UNESP desde 1965. Responsável pela disciplina de Uroginecologia, na pós-graduação. É professor titular do Departamento de Urologia da Faculdade de Medicina (FM) do câmpus de Botucatu.

José Eduardo Junho de Araújo, 50 anos. Doutor em Clínicas Odontológicas, é professor de Prótese Total e Prótese Removível. Docente da UNESP desde 1975, é professor titular do Departamento de Materiais Odontológicos da Faculdade de Odontologia (FO), câmpus de São José dos Campos.

Luís Roberto de Toledo Ramalho, 59 anos. Cirurgião dentista, está na docência da UNESP desde 1967. É professor titular vinculado ao Departamento de Morfologia da Faculdade de Odontologia (FO) do câmpus de Araraquara. É o atual vice-reitor da Universidade.

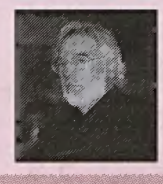
Maria Aparecida Viggiani Bicudo, educadora, é professora titular em Filosofia da Educação. Docente da UNESP desde 1966, é ligada ao Departamento de Matemática do Instituto de Geociências e Ciências Exatas (IGCE) do câmpus de Rio Claro. É pró-reitora de Graduação desde 1993.

VICE-REITOR

Neivo Luiz Zorzetto, 60 anos. Biólogo, atua na área de pesquisa de anatomia nos órgãos de audição e olfato. É professor da UNESP desde 1963. Está vinculado atualmente ao Departamento de Fonoaudiologia da Faculdade de Filosofia e Ciências (FFC) do câmpus de Marília.

Paulo Cezar Razuk, 50 anos. Engenheiro mecânico, é docente credenciado no curso de pós-graduação de Engenharia Industrial da Faculdade de Engenharia (FE) do câmpus de Bauru. Está na UNESP desde 1973. É professor titular do Departamento de Engenharia Mecânica.

Edmundo José De Lucca, 53 anos. Biólogo, professor de Genética, atua na UNESP desde 1970. Está vinculado ao Departamento de Genética do Instituto de Biociências (IB), câmpus de Botucatu, onde é professor titular. É pró-reitor de Extensão Universitária.



Ricardo Antonio de Arruda Veiga, 56 anos. Engenheiro agrônomo, é professor da UNESP desde 1967. Professor titular há 23 anos, é docente do Departamento de Recursos Naturais da Faculdade de Ciências Agronômicas (FCA) do câmpus de Botucatu. Atual pró-reitor de Administração.

A professora Maria Bicudo ainda não decidiu se concorrerá com vice-reitor. Segundo ela, "se a questão das listas tríplices e votos uninominais for interpretada como tem sido há um ano na UNESP, a lógica implícita a essa interpretação impede a vinculação reitor e vice-reitor".

Vocação em xeque

Representantes das universidades pública e privada, do Mec, da Fapesp e da Une reúnem-se, no debate *O Impasse da Academia*, para discutir o presente e o futuro dessa instituição secular

OSVALDO

OSCAR D'AMBROSIO

O mundo está cada vez mais reconhecendo o valor do conhecimento e o seu papel essencial no desenvolvimento econômico e social. O mercado de trabalho e as estruturas administrativas das nações de todo o planeta, por exemplo, demandam um nível de qualificação cada vez mais sofisticado, que exige profissionais de sólida formação fundamental e com a capacidade de se manter sempre aprendendo.

A universidade pública, por sua vocação e história, deveria formar esses profissionais altamente qualificados que o Brasil precisa. No entanto, a greve, que, de abril a junho últimos, paralisou as três universidades públicas paulistas (UNESP, USP e Unicamp), questionou a capacidade atual de essas e de outras instituições de ensino públicas exercerem esse papel de formação de lideranças. Para debater essa questão, com suas múltiplas implicações, o jornal *Folha de S. Paulo* promoveu, em julho passado, em seu auditório, na Capital, o debate *O Impasse da Academia*, com a presença de representantes da universidade pública e privada, do Ministério da Educação (Mec), da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (Fapesp) e da União Nacional dos Estudantes (Une). "A população brasileira pára para ver um jogo de futebol, mas ignora a importância e o destino das universidades", disse, logo na abertura do debate, o coordenador da mesa, jornalista Gilberto Dimenstein.

DIREITO SOCIAL

Defensor da universidade pública e gratuita com qualidade, o reitor da UNESP, Antonio Manoel dos Santos Silva, admitiu que a instituição tem problemas e que as questões que vieram à tona com a recente greve devem ser vistas como fator motivador para encontrar saídas. "A educação gratuita, em todos os níveis, é um direito social. E deve atingir a todos", disse. "A UNESP, por exemplo, tem 30 mil alunos e convive com dificuldades para pagar os aposentados, manter seu hospital universitário em Botucatu e saldar os precatórios assumidos antes da autonomia, obtida em 1989."

Para Antonio Manoel, uma das raízes dos atuais problemas das universidades é que o Estado vem, progressivamente, se abstendo dessa obrigação de oferecer educação gratuita. "Abriu-se, assim, a possibilidade de que a educação superior se tornasse um negócio lucrativo", afirmou.

Reitor da Universidade Bandeirante (Uniban), instituição privada de ensino superior que conta hoje com 6 mil alunos, Heitor Pinto Filho lembrou que as universidades privadas estão ganhando um inegável espaço na educação brasileira. Revelou que se em 1960 cerca de 45% dos alunos de ensino superior estudavam na rede particular, esse percentual subiu para 62%, em 1998. "As universidades privadas aumentaram significativamente os cursos noturnos e otimizam recursos. Um aluno custa US$ 15 mil dólares na instituição pública, e apenas US$ 6 mil, na privada."

Esse tipo de comparação do preço médio entre alunos de instituições de orientação diferente foi contestado pelo presidente da Fapesp, Carlos Henrique de Brito Cruz. "É normal que a universidade pública gaste mais, pois tem um maior investimento na formação das lideranças intelectuais de que o País necessita. Gerar e obter conhecimento sai caro e, muitas vezes, só dá frutos a longo prazo", avaliou. "Não se podem comparar os custos de um aluno que permanece a maior parte do tempo apenas na sala de aula com os de outro que dedica muitas horas na universidade a projetos de pesquisa, como ocorre nas instituições públicas."

Brito Cruz citou o Instituto Tecnológico Aeronáutico (Ita), que, fundado em 1948, deu origem à Empresa Brasileira de Aeronáutica (Embraer), responsável por uma exportação de US$ 2 milhões/ano. "Há 40 anos, seríamos chamados de loucos se pensássemos em exportar aviões a jato. Hoje, a Embraer é a quarta empresa de aviação no mundo. E isso foi obtido com investimento público", afirmou.

"Um aluno custa US$ 15 mil dólares na instituição pública e apenas US$ 6 mil, na privada."

Heitor Pinto Filho, reitor da Uniban

Fotos Hélcio Toth

"A educação gratuita, em todos os níveis, é um direito social. E deve atingir a todos."

Antonio Manoel dos Santos Silva, reitor da UNESP

Presidente da Une, Wadson Nathanael Ribeiro, 23 anos, estudante de Medicina da Universidade Federal de Juiz de Fora, também avaliou que o ensino superior de qualidade exige, de fato, grande investimento. "Nos EUA", exemplificou, "mais de 50% das pesquisas são financiadas pelo setor público, pois o retorno vem a longo prazo. O custo do ensino universitário de qualidade é mesmo estratégico e alto".

MÉTODO PEDAGÓGICO

Ribeiro apontou que os principais problemas da universidade brasileira são a falta de democratização do acesso a ela, o salário dos professores e o método pedagógico. "No Brasil, estudar numa universidade privada não é opção, mas uma necessidade, principalmente para o aluno que só pode estudar à noite", declarou.

Segundo Pinto Filho, da Uniban, toda a discussão sobre a universidade pública e a privada deve levar em conta que elas têm vocações diferentes. "A primeira preocupa-se mais com a pesquisa e a formação de estudiosos de ciência básica, que não oferecem uma resposta imediata à sociedade, enquanto as instituições privadas são mais pragmáticas e objetivas, voltadas para atender a demanda do mercado de trabalho", declarou. "Na universidade privada, temos que tomar decisões rápidas. Se não dão certo, é preciso realizar reformulações com velocidade."

Antonio Manoel, da UNESP, discordou, lembrando que a universidade pública não forma apenas cientistas. "Também gradua professores para o mercado, além de médicos, dentistas e engenheiros da melhor qualidade", disse. "A maioria devolve os conhecimentos obtidos à sociedade. Além disso, as universidades privadas, por exemplo, absorvem boa parte dos mestres e doutores formados nas universidades públicas."

"No Brasil, estudar numa universidade privada não é opção, mas uma necessidade de quem trabalha."

Wadson Nathanael Ribeiro, presidente da Une

"O aluno deve poder optar entre carreiras mais científicas ou profissionais. O que não pode é se formar e ficar sem emprego."

Luiz Roberto Curi, diretor de políticas para ensino superior do Mec

CAPACIDADE DE PESQUISA

Para Brito Cruz, da Fapesp, não se pode esquecer que o mercado de trabalho e o mundo da pesquisa exigem, hoje, menos informação e mais formação. "Informar-se é atualmente fácil e simples. Basta digitar uma palavra num *site* de busca para obter milhares de resultados. O desafio está no desenvolvimento da capacidade do profissional de extrair de toda essa informação um novo conhecimento. Nesse momento, a capacidade de pesquisa, estimulada na universidade pública, é fundamental", observou.

De acordo com Luiz Roberto Curi, diretor de políticas para ensino superior do Ministério da Educação (Mec), o debate entre semelhanças e diferenças que existem entre a universidade pública e a privada é positivo, mas deve-se evitar o simplismo de dizer que as instituições privadas são ruins e que as públicas gastam mal. "O sistema de ensino superior brasileiro tem condições de crescer com qualidade. Temos hoje 2.135 milhões de alunos e espera-se atingir 5 milhões, em 2008", registrou. "O aluno deve poder optar entre carreiras e currículos mais científicos ou profissionais. O que não pode acontecer é a pessoa se formar numa determinada área e não ter emprego."

CULTURA DE MASSAS

Ribeiro, presidente da Une, não vê a expansão do ensino superior anunciada pelo governo com tanto otimismo. "A mera expansão de vagas pode deflagrar no ensino superior o processo que já ocorreu no ensino médio, ou seja, os alunos não verão mais as instituições públicas como sinônimo de qualidade. "O País não pode depender, para seu desenvolvimento, apenas de centros de excelência como USP, UNESP, Unicamp, UFMG e UFRJ", afirmou. "É preciso ter mais vagas, mas é preciso também que se mantenha a qualidade do ensino."

Para Antonio Manoel, reitor da UNESP, a universidade, seja ela pública ou privada, vive hoje uma crise de produção do conhecimento. Argumentou que ela precisa se conscientizar de que não é mais a única fonte do saber. "O popular, o folclórico e a cultura de massas não podem mais ser tratados com menosprezo", alertou.

Em relação à didática, o reitor da UNESP também disse que a universidade precisa rever sua atuação. "Historicamente, desde as suas origens, no século XII, ela está comprometida com a formação de seres humanos. A indagação é se isso vem ocorrendo. Formar não significa instruir ou adestrar, mas preparar pessoas aptas a realizar a crítica do que herdaram e do que produzem", declarou, no auditório da *Folha*.

PROCESSO EDUCACIONAL

Brito Cruz, da Fapesp, cerrou fileiras com Antonio Manoel: "A universidade digna desse nome precisa ter o compromisso de gerar, disseminar, ampliar e aplicar conhecimentos. Ela tem um papel singular no processo educacional de um povo, que é o de formar pessoas capazes de resolver problemas da sociedade", declarou. "Não cabe a ela, porém, como muitos pensam, fazer desenvolvimento tecnológico, mas sim formar pessoas com a capacidade de desenvolver conhecimentos em vacinas, comunicação ótica ou mesmo aviões a jato. Nesse sentido, o Brasil está obtendo sucesso, embora possa fazer muito mais." (*Veja quadro.*)

Diante desse panorama, Curi, do Mec, diz que a alardeada crise do ensino universitário brasileiro é, na verdade, um desafio, gerado por uma expansão do número de alunos, associado à busca da excelência. "Por isso, nossa avaliação tem que ser melhorada ano a ano. As universidades, por sua vez, precisam repensar seus currículos, que, em muitos casos, permanecem iguais aos da década de 1950. Também é necessário combater a titulação ornamental, ou seja, não basta ter mestres e doutores se eles não são bons professores."

Para Antonio Manoel, embora a universidade tenha um discurso revolucionário, ela é internamente conservadora, como mostra seu excesso de burocracia e seu corporativismo. "A falta de envolvimento da universidade com a sociedade e a ausência de uma maior relação dela com os ensinos básico e médio também são problemas sérios a serem enfrentados", comentou.

Para Brito Cruz, embora a universidade brasileira já faça muito em termos de pesquisa, precisa ser mais eficiente. "As melhores universidades paulistas fazem hoje melhor do que há dez anos. Isso prova que, ao contrário do que muitos declaram, o universo superior público não está falindo. O fato é que evoluiu bastante e, se enfrentar sem medo seus problemas, pode progredir muito mais."

"A universidade digna desse nome precisa ter o compromisso de gerar, disseminar, ampliar e aplicar conhecimentos."

Carlos Henrique de Brito Cruz, presidente da Fapesp

O quadro é grave, mas reversível

Performance nas últimas duas décadas mostra que há esperança

Embora a educação superior brasileira enfrente diversos problemas, principalmente quanto a verbas e à qualidade de alguns cursos, não há motivo para desespero ou pessimismo. Segundo o Ministério da Educação (Mec), nos últimos 20 anos foram implantados mais de 2 mil programas de pós-graduação, em nível de mestrado e doutorado, em todas as áreas do conhecimento, responsáveis pela formação anual de 14.500 mestres e quase 5 mil doutores. "Nossas dificuldades vêm hoje desse crescimento. Muito pior seria ter uma estagnação, o que significaria a ausência de desenvolvimento do País", argumenta Luiz Roberto Curi, do Mec.

Carlos Henrique de Brito Cruz, presidente da Fapesp, também combate o que chama da "fracassomania" presente em muitos brasileiros. "A produção científica nacional aumentou consideravelmente de 1992 a 1998. Há duas décadas, era 0,4% do total mundial. Hoje, atinge 1%. Pode parecer pouco, mas a taxa de crescimento tem sido muito maior do que a média mundial", revela.

De fato, na década de 1980, o Brasil produzia cerca de 2 mil artigos científicos por ano. Agora, foram publicados 10 mil apenas em 1999. "Entre 1995 e 1998, o Brasil perde apenas para a Coréia do Sul, entre os países cuja produção científica mais cresceu", diz Brito Cruz. "Isso mostra uma capacidade de desenvolvimento que não pode ser ignorada." O presidente da Fapesp lembra ainda que a ciência brasileira tem obtido conquistas significativas. Cita, por exemplo, o sucesso do projeto Genoma *Xylella fastidiosa*, que tornou o Brasil o primeiro país do mundo a realizar a seqüência genética de um patógeno vegetal. "A importância dessa pesquisa foi reconhecida pela conceituada revista científica *Nature*, que destaca, na capa da edição de 13 de julho, o projeto brasileiro", conta. (*Veja reportagem à pág. 15.*)

VESTIBULARES

Exames de 2001 trazem novidades

São 130 novas vagas e um exame no meio do ano, em Ilha Solteira

Cento e trinta novas vagas e vestibular no meio do ano, em julho. Estas serão as novidades nos próximos exames vestibulares da UNESP. As novas vagas, todas para cursos de período integral, serão oferecidas para a Engenharia Florestal (de 30 para 40 vagas) da Faculdade de Ciências Agronômicas (FCA) do câmpus de Botucatu, e para a Agronomia, Engenharias Civil, Elétrica e Mecânica (de 50 para 80 vagas cada) da Faculdade de Engenharia (FE) do câmpus de Ilha Solteira. No total, serão oferecidas 5.215 vagas.

De modo geral, o VUNESP 2001 não terá grandes mudanças em relação aos exames anteriores. Continuam, por exemplo, a fase única e a ausência de listas de obras literárias. "Mantém-se, ainda, pelo quinto ano consecutivo, o acordo com a Secretaria de Estado da Educação, que isenta das taxas de aquisição do *Manual do Candidato* e de inscrição um aluno de cada classe do último ano do ensino médio, que será escolhido pelo diretor da escola", lembra o professor Fernando Dagnoni Prado, diretor acadêmico da Vunesp. "A condição, porém, é que esse aluno opte por um curso de licenciatura, que forma professores."

Hélcio Toth

PROVAS
Fase única e sem lista de obras literárias

CALENDÁRIO

O vestibular começa oficialmente no próximo dia 18 de setembro. Desta data até o dia 11 de outubro, os postulantes aos cursos da UNESP poderão adquirir o *Manual do Candidato* (R$ 10,00), pagar a taxa de inscrição (R$ 60,00) em agências do Banespa e entregá-la em um dos postos autorizados. As provas de Habilidades serão nos dias 9, 10, 13, 15 e 21 de dezembro; a de Conhecimentos Gerais, de 17 a 19 de dezembro. A divulgação da primeira chamada e lista de espera será no dia 9 de fevereiro de 2001. Nos dias 12 e 13, poderão ser feitas as matrículas e, no dia 14, as matrículas da lista de espera. O vestibular da UNESP está sendo divulgado em conjunto com os da USP e Unicamp, assim como o período de matrícula, facilitando a escolha do candidato.

Os exames vestibulares do meio do ano serão realizados apenas no câmpus de Ilha Solteira. As inscrições poderão ser feitas em todas as unidades universitárias da UNESP, de 1º a 31 de maio. As 320 vagas, distribuídas pelos cursos de Agronomia, Engenharia Elétrica, Engenharia Mecânica e Engenharia Civil da FE, serão divididas entre os dois vestibulares. "Devido à nossa estrutura física, não há como oferecer esse número de vagas em um só vestibular. Com a divisão, poderemos distribuir os alunos ao longo do ano", explica Orivaldo Arf, diretor da faculdade. Dessa forma, segundo Arf, não será preciso construir novos laboratórios e salas de aula.

PESQUISA

Em respeito à ética

Comitê vai acompanhar desenvolvimento de investigações científicas

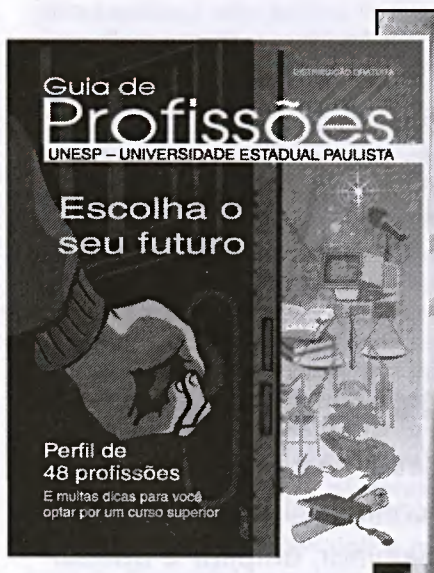
A ética é um valor fundamental na realização de pesquisas científicas, em todas as áreas do conhecimento. Para assegurar que ela seja respeitada, estão sendo criados comitês, nos diversos câmpus da UNESP, com a responsabilidade de aferir que estudos realizados pelos diversos cursos, seja na iniciação científica, graduação ou pós-graduação, não prejudiquem, física ou moralmente, as pessoas que são seus objetos de estudo. Ciente disso, a Faculdade de Filosofia e Ciências (FFC) da UNESP, câmpus de Marília, inaugurou, em abril último, seu Comitê de Ética em Pesquisa, que conta com representantes dos cursos de graduação de Ciências Sociais, Biblioteconomia, Pedagogia, Filosofia e Fonoaudiologia e da pós-graduação da unidade, além de um representante da comunidade do município. "A formação desses comitês também é uma necessidade cada vez mais premente para obter a liberação de verbas junto a agências de fomento, como Fapesp, CNPq e Capes", explica o sociólogo Marcos César Alvarez, do Departamento de Sociologia e Antropologia da FFC, presidente do comitê.

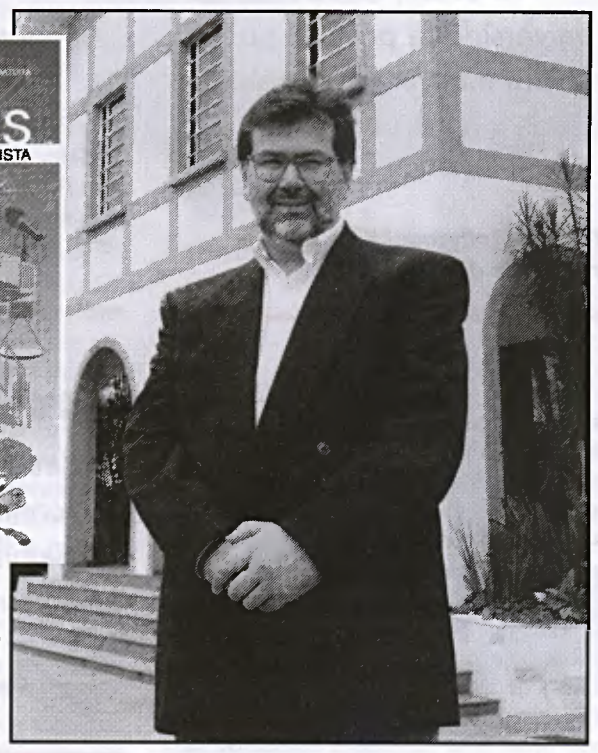
Durante a reunião de inauguração, houve uma palestra do médico William Saad Hossne, professor emérito aposentado da Faculdade de Medicina da UNESP, câmpus de Botucatu, e presidente do Conselho Nacional de Ética na Pesquisa. "Ele foi um estímulo importante, pois nos alertou diversas vezes sobre a necessidade de um comitê local que, em nosso câmpus, avaliará principalmente projetos dos cursos de Fonoaudiologia e Psicologia", afirma Alvarez.

PUBLICAÇÃO

Ficou fácil acertar

Universidade lança nona edição do *Guia de Profissões*, com 124 páginas e 48 perfis de carreiras





Hélcio Toth

ORIENTAÇÃO
A revista e Prado, da Vunesp: apoio à divulgação da Universidade

Desde que foi criada, em 1976, a UNESP vem se esforçando para oferecer o máximo de informações sobre os seus cursos, incluídos entre os melhores do ensino público paulista. Há nove anos, este objetivo tem se ampliado para orientar também os jovens que, diante do diversificado leque de opções encontrado hoje no mercado, se encontram em dúvida sobre qual carreira seguir. Assim, podem, à época do vestibular, escolher com mais segurança um curso que lhes garanta, no futuro, realização pessoal e bons salários. Mantendo esta linha de pensamento, a Universidade está lançando a nona edição do *Guia de Profissões*. Em forma de revista, destaca o perfil atualizado de 48 profissões, cujos cursos são oferecidos pela UNESP. Há ainda explicações sobre o funcionamento do curso em cada faculdade e instituto, a tendência da carreira e depoimentos de ex-alunos.

A publicação, produzida pela Assessoria de Comunicação e Imprensa (ACI), é patrocinada pela Fundação para o Vestibular da UNESP (Vunesp) e conta com o apoio do Banespa. Além de detalhar as carreiras, o *Guia* traz outros assuntos de interesse para quem está às portas do vestibular. É o caso, por exemplo, de reportagens sobre orientação vocacional, exigências do mercado de trabalho e também funcionamento do vestibular da UNESP. Traz ainda um perfil detalhado da UNESP e explicações sobre cada área do conhecimento, Exatas, Biológicas e Humanas.

O *Guia de Profissões* tem 124 páginas, foi produzido em quatro cores e circula com uma tiragem de 240 mil exemplares. "Está sendo distribuído gratuitamente nas escolas e nos cursinhos pré-vestibulares do Estado", informa o professor Fernando Dagnoni Prado, diretor acadêmico da Vunesp. Além disso, servirá de material de apoio ao trabalho de divulgação da Universidade e de seu vestibular – que a Vunesp faz anualmente. Neste trabalho, estão envolvidos 60 professores da UNESP, coordenados pelo professor Osmar Malaspina e pela diretoria da Vunesp. "Os docentes visitarão cerca de 400 escolas públicas de ensino médio do Estado, e calcula-se que aproximadamente 120 mil alunos das últimas séries dessas escolas receberão o *Guia* e folhetos da UNESP e assistirão a palestras sobre o vestibular", estima o professor Prado.

O *Guia de Profissões* pode ser solicitado pelo Disque Vunesp: tel. (0xx11) 3874-6300, nos dias úteis, das 8h às 20h.

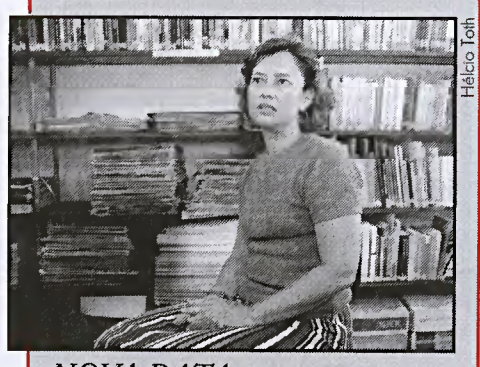
CONCURSO

Leia este País

Prazo de "Leituras de Brasil" foi prorrogado

A greve das universidades públicas paulistas, que durou mais de 50 dias, entre abril e junho último, impediu uma maior divulgação do concurso "Leituras de Brasil" e a realização de debates que levem a uma reflexão sobre estes cinco séculos do País. Por isso, a Comissão Organizadora decidiu prorrogar a data de encerramento das inscrições, inicialmente marcado para 31 de julho. "A nova data é dia 2 de outubro", afirma Ude Baldan, integrante da comissão e docente da Faculdade de Ciências e Letras (FCL) da UNESP, câmpus de Araraquara. "A divulgação dos resultados também foi adiada. Está agora marcada para 10 de dezembro", informa. Promovido pela Pró-Reitoria de Extensão Universitária (Proex), o concurso selecionará textos para um livro relativo aos 500 anos do Descobrimento, a ser publicado sob o patrocínio da UNESP.

Nestes dois meses, a comissão continuará orientando os interessados em participar do concurso, com poemas, crônicas, ensaios, contos, textos teatrais, desenhos, pinturas, caricaturas, cartuns, tiras, histórias em quadrinhos, fotografias ou canções. "Para isso, professores, alunos e funcionários podem acessar o *site* www.unesp.br/leituras", diz a docente da FCL.



Hélcio Toth

NOVA DATA
Ude: prazo maior

A dor nossa de cada dia

Ciência ainda pouco conhecida, a Psicobiologia propõe uma terapêutica que considera a totalidade do homem e as circunstâncias que o rodeiam

Paulo Zilberman

Hélcio Toth

MELANCOLIA
Telma: perdas e idéias suicidas

Numa sociedade em que o desemprego é uma ameaça constante e separações conjugais ocorrem cada vez com maior naturalidade, a ansiedade, a depressão e o fiel companheiro de ambos, o estresse, estão sempre à espreita. "Eles podem desencadear doenças coronárias, hipertensão arterial, úlceras gástricas e alterações imunológicas que propiciam infecções devido à ausência ou ineficácia de mecanismos de defesa do organismo", diz a enfermeira e psicobióloga Telma Gonçalves Carneiro Spera de Andrade, do Departamento de Ciências Biológicas da Faculdade de Ciências e Letras (FCL) da UNESP, câmpus de Assis.

Doutora em Psicobiologia, área que faz a ponte entre a história individual das pessoas, o funcionamento de seu sistema nervoso central e as suas conexões com o resto do organismo e o ambiente, Telma participa, há mais de dez anos, de estudos com o objetivo de compreender os mecanismos neurobiológicos envolvidos na gênese dos distúrbios emocionais e suas conseqüências sobre o organismo. "Separações do cônjuge, seja em morte por acidente ou doença crônica, ou por desavenças, e ameaças de desemprego influenciam a saúde física e mental dos indivíduos, causando insônia, alteração da pressão arterial e irritabilidade", diz a docente, que respalda suas pesquisas de campo em estudos experimentais com ratos em que ocorre a manipulação do Sistema Nervoso Central, mais especificamente de uma estrutura mesencefálica denominada Núcleo Mediano da Rafe, relacionada com a resistência ao estresse crônico. (*Veja quadro.*)

ESTUDO PIONEIRO

Já em seu mestrado, apresentado em 1989, num estudo pioneiro no Brasil, Telma estabeleceu a associação entre a ansiedade e o desenvolvimento de infecções pós-cirúrgicas. "Realizei um estudo com 68 pacientes, no Hospital Universitário Regional do Norte do Paraná", conta. Após avaliações diárias antes da cirurgia e até 14 dias após a alta, verificou, a partir de questionários de auto-avaliação da ansiedade dos pacientes antes e após a operação, que havia uma elevada associação entre ansiedade pré-operatória e infecção cirúrgica. "Apenas 6,7% dos pacientes com nível baixo de ansiedade antes da intervenção manifestaram a ocorrência de infecções, enquanto o percentual subia para 32% naqueles que apresentavam maior nível de ansiedade antes de irem para a mesa de operações", argumenta.

Para verificar como as pessoas reagiam a separações conjugais, por morte ou divórcio, Telma coordenou um estudo com 46 pessoas, em Assis e região, durante dois meses. A intenção foi obter informações sobre manifestações orgânicas, como insônia e irritabilidade, antes e após as separações. "No caso de separação por morte, essas manifestações aumentaram de 26% para 73%. Nas separações conjugais, subiram de 39% para 60%", afirma.

Os indivíduos que sofreram um processo de separação desencadearam alterações em suas emoções (ansiedade, depressão, aumento de impulsividade, idéias suicidas) e em seu organismo (gastrite, úlcera gástrica, perda de peso, obesidade, infecções, câncer, impotência sexual). "Quando uma pessoa sofre uma perda muito significativa, pode ser tomada por uma tristeza muito intensa e prolongada, crônica, acompanhada até pela perda de interesse pela vida", diz a psicobióloga.

RAIVA E SOLIDÃO

Outras características presentes em indivíduos separados, segundo Telma, são sentimento de impotência e perda de interesse frente a dificuldades corriqueiras, diminuição de apetite sexual e alimentar, perda de peso e insônia. "Pode-se acrescentar o sentimento de culpa e de abandono e a perda de auto-estima. Esse quadro é característico de depressão mental e, se for muito intenso, denomina-se melancolia e pode levar ao suicídio", comenta. (*Veja glossário.*)

A separação conjugal, na avaliação de Telma, desencadeia vários tipos de alterações emocionais, como sentimentos de raiva, solidão, insegurança e desapontamento que, aliados a influências do meio social, como família e amigos, geram uma quebra da homeostase, ou seja, do equilíbrio do organismo. "A história de vida da pessoa, mesclada à predisposição genética, pode estabelecer um quadro de estresse, ansiedade patológica, depressão e/ou doenças psicossomáticas", comenta.

O ser humano, para a Psicobiologia, não é uma máquina em que corpo e mente são partes distintas. "A doença não deve ser vista apenas como um mau funcionamento biológico, mas precisa ser estudada colocando o indivíduo num contexto em que aspectos psicológicos, sociais e ambientais estão relacionados", comenta Telma. Para ela, estudos e pesquisas sobre doenças precisam levar em conta a totalidade do ser humano e das circunstâncias que o rodeiam. "Somente assim teremos uma compreensão mais ampla dos processos de adoecer", afirma.

Oscar D'Ambrosio

O estigma do desemprego

Ansiedade e depressão, velhos conhecidos de quem é demitido

Ter um emprego é considerado fundamental para o reconhecimento social. A pessoa desempregada, além de temer pelo sustento da família, carrega ainda a humilhação de ser vista como aquela que não produz. "Sentimento de fracasso e de exclusão social afetam profundamente o desempregado, com repercussões psicossomáticas, como ansiedade e depressão", aponta Telma Spera de Andrade, da FCL, câmpus de Assis.

Em pesquisa realizada com 50 desempregados de Assis sobre a relação entre desemprego e manifestações emocionais e orgânicas, a psicobióloga verificou o aumento da ocorrência de irritabilidade, cefaléia, perda de peso, infecções freqüentes e alterações do sistema cardio-respiratório e gastrointestinal nesses trabalhadores após a demissão. "Verificamos que, quanto mais longo o desemprego, maior o nível de ansiedade e depressão."

As pesquisas da professora Telma também trazem boas notícias. Ao estudar 50 professoras aposentadas de Assis, ela observou que só duas tiveram alterações de saúde significativas após deixar de trabalhar. "Eram justamente aquelas que não participavam de outras atividades em associações de classe ou religiosas e que não praticavam atividades físicas regularmente", afirma. "Intensa vida social e esporte, portanto, podem ser poderosos antídotos contra o estresse."

(O.D.)

Males da alma

Ansiedade – Emoção que o indivíduo vivencia diante de perigos potenciais, em que existe uma incerteza em relação ao futuro. Um baixo nível de ansiedade é essencial para a sobrevivência. Entretanto, em níveis elevados (ansiedade patológica), pode ter repercussões mórbidas sobre o organismo todo.

Depressão – Sentimento de perda de um ente querido, cônjuge ou emprego. Afeta a auto-imagem, tendo como característica o desapego à vida. O indivíduo pode ser acometido por uma tristeza intensa, incapacidade de sentir prazer, perda de interesse por todas ou quase todas as atividades da vida, sentimentos de culpa e de pouca valia, de abandono e de impotência diante de dificuldades corriqueiras.

Estresse – Conjunto de respostas neurovegetativas e endócrinas que o organismo apresenta para que ocorra a adaptação a uma nova situação ou a estímulos que podem despertar aversão ou não. Está presente na ansiedade e na depressão.

CHAME O LADRÃO!

São números estarrecedores, que empurram o Brasil, célere, rumo ao clube dos países mais violentos do mundo. Estudiosos do assunto não hesitam em apontar, como uma das principais razões desse cenário caótico, o despreparo e a corrupção policiais

EVANILDO DA SILVEIRA

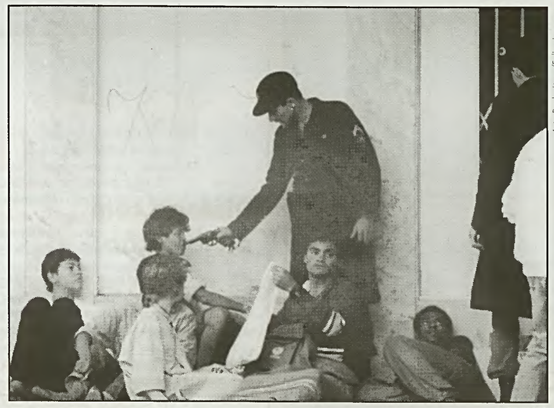
Apesar de chocante, a única coisa surpreendente no seqüestro de um ônibus da linha 174, do Rio de Janeiro, no dia 12 de junho passado, no qual a inépcia da polícia resultou na morte de uma refém e no assassinato do seqüestrador, foi o fato de o drama ter sido assistido, ao vivo, pela televisão, por um Brasil estarrecido. Afinal, assaltos, tiroteios nas ruas e assassinatos cometidos por bandidos e policiais são fatos corriqueiros nas grandes cidades brasileiras nos dias de hoje. Alguns números não deixam dúvidas. O índice de homicídios no Brasil, por exemplo, é de 24,1 casos por 100 mil habitantes, enquanto a média mundial é de 8,5. No caso da cidade de São Paulo, uma das mais violentas do País, um só dado serve para mostrar o grau dessa violência: o número de chacinas e as mortes ocorridas nelas. De 1995 a 1999, esses números saltaram, respectivamente, de 30 para 47 e de 98 para 154 (*leia quadro*).

Para quem não se recorda – e quem não gostaria de esquecer tamanho horror? –, naquele dia 12 de junho, o assaltante Sandro do Nascimento, de 21 anos, tomou como reféns os passageiros de um ônibus da linha 174, que liga a favela da Rocinha, na Zona Sul, à Central do Brasil, na Zona Norte do Rio de Janeiro. Na confusão que se seguiu ao fim do seqüestro, o policial Marcelo Oliveira dos Santos, do grupo de elite da Polícia Militar fluminense, tentou matar Sandro, mas o tiro que disparou acabou acertando a estudante Geisa Firmo Gonçalves, 20 anos, uma das reféns. Ela foi morta com quatro tiros. O que Marcelo não conseguiu fazer, seus colegas completaram. O assaltante foi morto por eles, asfixiado, dentro do carro da PM, quando seria levado a um hospital.

Muita gente pode achar que esse foi um fato isolado. Talvez não vejam o que está caindo sobre suas cabeças. Esse fato *isolado* é apenas mais um numa pilha de outros fatos *isolados*. Seria possível fazer aqui uma relação quase interminável – bastava ir aos arquivos dos jornais e aos registros das delegacias de polícia – apenas dos crimes que chegaram ao conhecimento público, por meio da mídia. Não seria difícil fazer um rol de pessoas mortas, Brasil afora, por balas perdidas ou em chacinas, por estarem no lugar errado na hora errada, por serem pobres ou por serem ricas, por terem dinheiro ou não, enfim, por qualquer motivo ou sem motivo nenhum. Não é o caso. Diante da gravidade desse quadro, o que se propõe é ouvir quem se debruça sobre o problema, escutar aqueles que estudam as causas e apontam soluções, para evitar que a pilha de "casos isolados" desabe e soterre todo mundo no caos do salve-se quem puder.

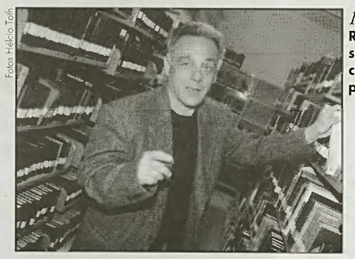
Ana Carolina Fernandes/Folha Imagem

LINHA 174
Seqüestro e inépcia policial: ao vivo, pela tevê, para todo o País



Luiz Paulo Lima/Folha Imagem

ABUSO
Abordagem policial: barbárie que não poupa crianças



Fotos Hulda Tóth

PROPINA
Rocha: bandidos sustentam corrupção da polícia

AÇÃO
Eda: quem manda são as elites

CRIME
Sueli: prevenção deve ser comunitária

RIQUEZA X MISÉRIA

Entre esses estudiosos, está o psicólogo Luiz Carlos da Rocha, do Departamento de Psicologia Evolutiva da Faculdade de Ciências e Letras da UNESP, câmpus de Assis, que há 15 anos investiga o assunto e é autor de duas teses sobre o tema. Para ele, existem várias causas que se somam e dão como resultado esse clima de insegurança que o Brasil atravessa. "Entre as principais, estão, sem dúvida, a desigualdade social, a ausência de políticas governamentais de segurança pública e o despreparo da polícia", aponta. "Mas não se pode esquecer a causa maior: o modelo econômico concentrador de renda, que tem, de um lado, a riqueza e, de outro, a miséria, o que gera muitos crimes contra a propriedade."

De acordo com Rocha, essa situação se agravou com o redirecionamento, implantado pelo atual governo, do modelo de economia industrial para outro, baseado nos serviços, que teve como conseqüência mais visível – e deletéria – o aumento do desemprego. "Diminuiu-se a possibilidade de trabalho legal e obrigou-se grande parte dos trabalhadores a se dedicar à economia informal, ou seja, a atividades ilegais ou mesmo criminosas, como o comércio ambulante e a venda de produtos contrabandeados", explica. "Diante dessa situação, essas pessoas ficam à mercê da fiscalização, pois estão numa atividade sem amparo legal. E acabam virando clientela da corrupção policial."

Inicia-se, assim, um processo praticamente sem volta. A pressão policial acentua-se, o que, muitas vezes, conduz a pessoa não à legalidade, mas à ilegalidade e ao crime, pois exige dinheiro. De acordo com Rocha, essa prática, além de levar esses trabalhadores aos pequenos delitos, forçá-os a continuar na trilha do crime. Só assim poderão sustentar a corrupção policial. "Eles, que já tinham terminado seu dia de roubos, são forçados a fazer um 'extra' para pagar a propina da polícia", explica o psicólogo. "Esse custo passa a ser sistemático. O bandido tem de continuar roubando para pagar a força policial corrupta." Quem não paga, apanha, é torturado e humilhado. "É outro motivo de aumento da criminalidade", diz Rocha. "Esse criminoso torturado vai transferir os maus-tratos para suas vítimas."

A esses fatores, soma-se a distribuição espacial das forças de segurança. Rocha explica que a maior parte dos efetivos policiais são destacados para atuar nas regiões e nos bairros mais ricos, protegendo a propriedade. Isso acaba forçando a migração dos criminosos para as áreas mais pobres, onde, por isso, há um aumento do número de delitos. "Como a concentração de bens é menor nesses locais, é necessário um maior número de roubos e assaltos para compensar", explica Rocha. "Com a agravante de que, como são bens de pequeno valor, normalmente o seu dono está presente. É isso o que se verifica, por exemplo, no assalto a pedestres ou a passageiros de ônibus e a residências."

FACE VIOLENTA

Diante disso, não é de impressionar a imagem nada edificante que a maioria da população tem da polícia. "Quase todos os grupos sociais reconhecem a face violenta da polícia, que tem origem na própria história do Brasil", diz a historiadora Eda Maria Góes, do Departamento de Geografia da Faculdade de Ciências e Tecnologia da UNESP, câmpus de Presidente Prudente, autora da tese de doutorado *Relações entre cidadania e violência caracterizada nas representações da polícia paulista: janeiro/83 – março/85*, defendida em 1998, na Faculdade de Ciências e Letras da UNESP, câmpus de Assis. "O ponto alto dessa violência ocorreu no período escravagista e continuou sendo usada pelos fazendeiros de café contra os imigrantes. A violência era utilizada pelas elites como conseqüência do não reconhecimento dos direitos dos trabalhadores."

A pesquisa de Eda baseou-se em análise de reportagens e textos sobre a atuação da polícia no Estado de São Paulo, publicados nos jornais *Folha de S. Paulo* e *O Estado de S. Paulo*, entre janeiro de 1983 e março de 1985. "As imagens da polícia refletidas na imprensa representam o que de fato ela é", garante a historiadora. "Suas atitudes, nas relações com o cidadão, entretanto, também contribuem para a formação das múltiplas imagens, muitas vezes contraditórias, que a polícia tem, de acordo com a geografia sócio-política da região onde ela atua. Assim, para a mesma população de bairros pobres periféricos, a imagem muda de acordo com o grau de consciência de cidadania."

Como exemplo, Eda cita os cidadãos que se organizam em associações e que conseguem se articular politicamente. "Para esses, a polícia age com muita violência e, por isso, não é aceita", explica. "Há exceções, no entanto. É o caso dos taxistas, tradicionais defensores da violência policial." Existem ainda pessoas que desconhecem o significado da cidadania, como grande parte dos moradores da periferia. Sem consciência política e de cidadania, têm uma posição contraditória. "Embora freqüentemente sejam as principais vítimas da arbitrariedade policial, essas pessoas acham necessária a presença da polícia, mesmo que de forma violenta, na intermediação de conflitos", diz Eda.

Como grupo social, a elite, por sua vez, não tem dúvida do papel das instituições policiais: manter a segurança e a ordem públicas, não importa que sejam a sua segurança e a sua ordem. Isso pode ser verificado analisando-se a prática cotidiana da polícia, na qual fica claro que o esforço de manutenção dessa ordem não é igual para todos. "A ação policial diante de negros, pobres, homossexuais e outros grupos minoritários não bem aceitos pelas elites demonstra que ela age em prol do que a classe dominante entende por ordem", explica Eda.

HOMENS BRAVOS

A imagem que a polícia tem de si mesma também é bastante benevolente. "Ela se vê como uma instituição composta de homens bravos, em muitos casos verdadeiros heróis", revela a pesquisadora. "Isto porque os policiais estariam permanentemente em contato com o perigo." As conclusões de um recente estudo da Ouvidoria da Polícia de São Paulo jogam, no entanto, sérias dúvidas sobre essa aura de heroísmo: nada menos que 59% das pessoas que perderam a vida em confronto com a polícia foram mortas pelas costas (*leia quadro*).

Assim como estudam as causas da insegurança e da violência, os especialistas em criminologia também se dedicam a apontar soluções. É o caso da cientista social Sueli Andruccioli Félix, do Departamento de Ciências Políticas e Econômicas da Faculdade de Filosofia e Ciências da UNESP, câmpus de Marília, que há mais de 10 anos estuda as relações entre o criminoso, a vítima e o local em que o crime ocorre, relacionando fatores sociais, econômicos e geográficos. Ela é autora da tese de doutorado *A geografia do crime urbano: aspectos e o caso de Marília – SP*, defendida no Instituto de Geociências e Ciências Exatas, também da UNESP, câmpus de Rio Claro.

Hoje, Sueli leva adiante dois projetos, *A geografia do crime urbano: diagnóstico para uma ação social comunitária no município de São Paulo – SP* e *A geografia do crime de Marília: diagnóstico para uma ação social comunitária*. "O primeiro, em convênio com o Instituto de Pesquisa de Segurança Pública (IPSEG), uma organização não-governamental, e o segundo, em parceria com as polícias Civil (Delegacia Seccional de Marília) e Militar (9º Batalhão) e a Faculdade de Direito, Administração e Computação da Fundação Eurípedes Soares da Rocha", revela a pesquisadora. "O crime é fenômeno social e, portanto, exige ações sociais e o envolvimento de todos, polícia, comunidade e universidades. Daí a importância desses projetos comuns."

Para Sueli, a prevenção do crime deve ser comunitária, com políticas que intervenham em suas causas principais, que são o esfacelamento das relações sociais e a falta de atendimento às necessidades básicas, que valorizem a cidadania. "Outro aspecto que deve ser levado em conta é que tanto a polícia militar como a civil trabalham em contato direto com a população", lembra a pesquisadora. "Nesse sentido, não se pode conceber uma polícia apartada dos inúmeros problemas sociais enfrentados pelos membros de sua comunidade. A atuação da polícia preventiva deve pautar-se pelo conhecimento do contexto social em que está atuando."

Para o psicólogo Rocha, as coisas são um pouco mais complicadas. "O combate à violência passa por medidas sociais, como a diminuição do desemprego e das desigualdades econômicas", defende. "Mas isso só não basta. Não há forma efetiva de combater o crime sem que haja o controle legal das forças policiais. É necessária uma reforma ampla da formação dos policiais, principalmente os militares, hoje baseada em tática que os transforma em combatentes de guerra, em vez de priorizar a segurança do cidadão comum." Ele ressalva, no entanto, que não está propondo o fim da PM nem da Polícia Civil. "O que defendo é que a unificação de ambas, com a devida redistribuição de funções, é fundamental para a mudança da situação de insegurança que vivemos. Do jeito que estão formadas hoje, nossas polícias se concentram na proteção à propriedade e não ao cidadão." É o caso de se perguntar: alguém discorda?

Que heróis são esses, que matam pelas costas?

Mais da metade das vítimas da polícia são alvejadas por trás

Há algo de errado com a imagem que a polícia paulista tem de si mesma. A auto-imagem de uma instituição composta de homens bravos, em muitos casos verdadeiros heróis, registrada na tese da historiadora da UNESP Eda Maria Góes, não se sustenta na vida real. Esclareça-se: não se sustenta a auto-imagem; a tese, sim, é reveladora. Eda demonstra que a polícia tem uma imagem positiva de si mesma, mas que essa opinião não encontra eco fora da instituição. Quem se encarrega de estilhaçar esse espelho distorcido é um órgão da própria Secretaria de Segurança Pública de São Paulo, a Ouvidoria da Polícia, num estudo divulgado na segunda quinzena de junho último.

Depois de analisar os inquéritos e os laudos técnicos das mortes de 224 das 664 vítimas fatais causadas por policiais no ano passado, supostamente em confronto com bandidos, a Ouvidoria descobriu que 222 foram mortas a tiros (duas outras por lesões ou torturas), das quais 132 foram atingidas pelas costas, ou cerca de 59%. Dessas, 42 (19%) foram atingidas apenas pelas costas, 61 (27%) não tinham antecedentes criminais e 29 (13%) não estavam cometendo crime (em flagrante delito).

O estudo da Ouvidoria também revelou outras peculiaridades da polícia paulista. Ela parece ser mais efetiva na calada da noite. Entre as 18h e as 6h ocorreram 131 dos 193 confrontos registrados no período da pesquisa, ou seja, 68%. Desse total, 41% aconteceram entre 18h e 24h. Das 222 vítimas registradas, 44% tiveram seu fim nesse horário, das quais 81,6% morreram com tiros na cabeça ou nas costas. Aliás, essa supremacia da polícia em confronto contra "bandidos" é incontestável. No ano passado, por exemplo, morreram, no cumprimento do dever, 138 policiais, entre civis e militares, contra 664 civis. Uma proporção de cinco civis mortos para cada policial que tombou.

Antonio Gaudério/Folha Imagem

Dados da Ouvidoria: 27% dos mortos não tinham antecedentes criminais

Chacinas ocorridas na cidade de São Paulo (1995-1999)

Ano	Chacinas	Mortes
1995	30	98
1996	23	85
1997	25	90
1998	53	174
1999	47	154
Total	178	601

Fonte: Secretaria de Segurança Pública

LANÇAMENTOS DE DOCENTES

Estante enriquecida

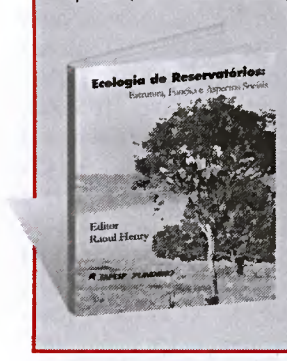
Cinco novas obras investigam temas que vão da Ecologia à Política

ECOLOGIA

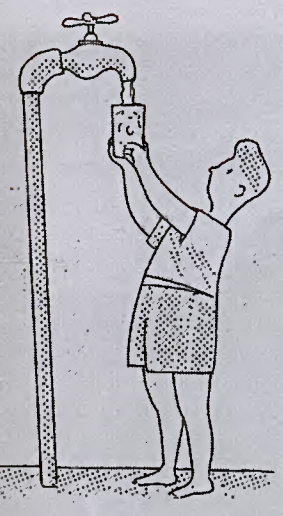
Um mundo de água doce

Tudo sobre os ecossistemas de lagos, represas e açudes

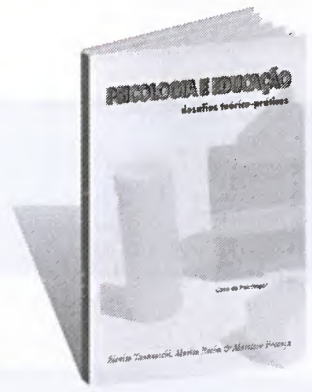
Os pesquisadores de represas do País já produziram diversos trabalhos importantes. Esse conhecimento, no entanto, geralmente é de difícil acesso, pois está incluído em relatórios técnicos, monografias ou teses de distribuição restrita. Para transformar esse quadro, em 1998 o biólogo Raoul Henry, professor do Departamento de Zoologia do Instituto de Biociências da UNESP, câmpus de Botucatu, organizou o simpósio "Ecologia de Reservatórios: estrutura, função e aspectos sociais". Os documentos apresentados no evento deram origem ao livro *Ecologia de Reservatórios: estrutura, função e aspectos sociais* (Fapesp; Fundibio; 800 páginas; R$ 30,00, mais despesas de correio), com 26 capítulos. "Compusemos um amplo painel sobre ecologia de reservatórios de todo o País", diz Henry, editor da publicação.



Além de enfocar reservatórios brasileiros, como a represa de Salto Grande, em Americana (SP), Lagoa Dourada, em São Carlos (SP), e açudes no Vale do Açu (RN), há estudos sobre represas de altitude na Colômbia, especificamente sobre La Fé e Peñol. "Há textos que versam especialmente sobre alguns aspectos do ambiente físico e químico e suas relações com as comunidades planctônicas. Trata-se de uma obra de referência para todos os que militam na área de recursos hídricos", diz Henry. Informações diretamente com o editor pelo telefone (0xx14) 6821-2537, pelo *e-mail* rhenry@ibb.unesp.br ou pelo correio, no Instituto de Biociências, Departamento de Zoologia, Caixa Postal 510, Botucatu-SP, CEP 18618-000.



PSICOLOGIA



Diálogo com a educação

Como o psicólogo pode influir no cotidiano educacional? A presente coletânea busca não só responder a essa pergunta, mas também redimensionar a formação acadêmica dos profissionais da área na tentativa de construir novas bases teórico-práticas para a psicologia nas escolas. "O livro procura também contribuir para uma reflexão radical do processo educacional", diz a psicóloga Elenita Tanamachi, do Departamento de Psicologia da Faculdade de Ciências da UNESP, câmpus de Bauru. Os autores têm como ponto comum a busca de respostas pela psicologia à nova ordem mundial, no diálogo possível com a educação. A obra divulga ainda a produção acadêmica recente nas áreas de Psicologia Social e Escolar, respaldada por uma crítica da Educação, da Psicologia e, mais especificamente, da Psicologia Escolar. "Em meu ensaio, apresento reflexões que permitem o encontro entre o aluno e a educação como objeto de estudo e atuação da psicologia escolar", conta a psicóloga Marisa Eugênia Melillo Meira, colega de departamento de Elenita.

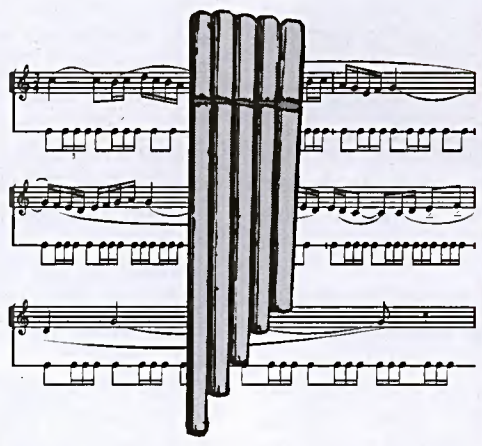
***Psicologia e Educação**, de Elenita Tanamachi, Marisa Rocha e Marilene Proença. Casa do Psicólogo; 210 páginas; R$ 20,00. Informações: (0xx11) 852-4633.*

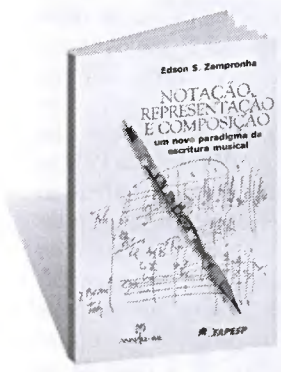
José Cordeiro

MÚSICA

Por um novo paradigma

O que é uma partitura? Há aqueles que a consideram apenas uma forma de registro da informação musical. No entanto, desde o início das notações musicais, no começo do século XV, muita coisa mudou. Notas, durações, dinâmicas, formas de ataque, timbres, andamento e outras informações passaram a integrar as partituras. No século XX, duas correntes se instauram. Os mais tradicionais acreditam que a obra musical é anterior à partitura, sendo a notação musical uma decodificação escrita da obra original. Neste livro, porém, o compositor e doutor em Comunicação e Semiótica Edson Zampronha, do Instituto de Artes da UNESP, propõe um novo paradigma, em que o compositor é inserido na obra. "Não considero a escrita musical um código secundário, realidade imutável em que as obras musicais são passadas para o papel, mas uma construção dinâmica", afirma. Para o pesquisador, a escrita musical é um eterno devir. "A obra emerge do próprio sistema de representação e é resultado da interação do compositor com o contínuo de possibilidades que a escrita musical oferece", conclui.

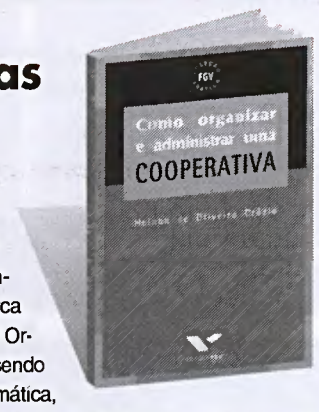




***Notação, Representação e Composição: um novo paradigma da escritura musical**, de Edson Zampronha. Annablume e Fapesp; 300 páginas; R$ 27,00.*

ADMINISTRAÇÃO

A cooperação das cooperativas



O tema cooperativa está voltando à tona em diversas áreas, como na de serviços, habitacional, educacional, de produtores rurais, de estivadores, segurança e de transporte urbano. Atualmente, cerca de 227 cooperados estão cadastrados na Organização das Cooperativas Brasileiras, sendo que metade deles são técnicos em informática, gerentes e executivos, entre outros profissionais. Neste livro, mostra-se como as cooperativas são uma alternativa viável ao desemprego. Uma vantagem delas em relação às empresas comuns é que cada integrante tem direito a um voto, enquanto nas sociedades comerciais tradicionais quanto maior o capital investido, maior a influência pessoal que um investidor tem sobre o que, como e quanto produzir. "O sucesso organizacional e econômico de todo e qualquer tipo de cooperativa depende, em boa parte, de como se dá o envolvimento de todos os seus integrantes", diz o autor, administrador de empresas Helnon de Oliveira Crúzio, que ministra um curso de cooperativas na Faculdade de Ciências e Letras da UNESP, câmpus de Araraquara.

***Como Organizar e Administrar uma Cooperativa: uma alternativa para o desemprego**, de Helnon de Oliveira Crúzio. Editora FGV; 156 páginas; R$ 18,00. Informações: (0xx21) 559-5533.*

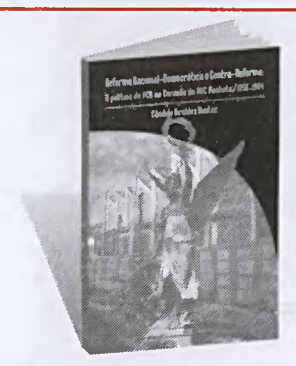
Mariza Dias Costa

POLÍTICA

O PCB no ABC

Quando se pensa no movimento operário no ABC paulista, costuma-se considerar São Bernardo do Campo como o centro das ações políticas e dos movimentos ligados aos trabalhadores, enquanto Santo André e São Caetano do Sul permanecem no fundo da cena. Com este livro, o cientista social Cândido Giraldez Vieitez, professor de Sociologia na Faculdade de Filosofia e Ciências da UNESP, câmpus de Marília, e coordenador do Grupo de Pesquisa Organização & Democracia, recupera a história do movimento operário em Santo André. Para isso, foram entrevistadas 32 pessoas, sendo 15 militantes do Partido Comunista Brasileiro (PCB), sete sindicalistas independentes ou ligados ao Partido Trabalhista Brasileiro (PTB), além de políticos profissionais, sociedades de amigos de bairro, padres e militantes operários. "A obra, escrita em 1986 e agora publicada, apresenta a reforma do PCB nos anos 60, as ações do Centro Popular de Cultura de Santo André e a democracia interna do Partido e sua inserção na realidade nacional", explica Vieitez.

Monica Richter



***Reforma Nacional-Democrática e Contra-Reforma: a política do PCB no Coração do ABC Paulista 1956-1964**, de Cândido Giraldez Vieitez. Coleção A Cultura e os Trabalhadores; Fundo de Cultura do Município de Santo André; 240 páginas. R$ 12,00. Informações: candido@marilia.unesp.br*

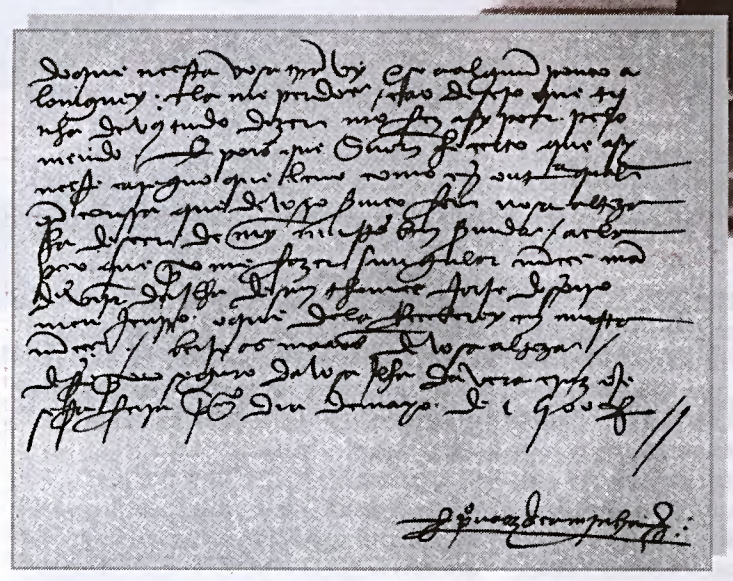
Salva-se a História, no naufrágio das comemorações

História de Portugal mapeia, em dezoito capítulos, o fascinante percurso lusitano, do século XII aos dias que correm

CARLOTA BOTO

Fotos reprodução

CALEIDOSCÓPIO
Nau e a carta de Caminha: variações de um trajeto que conta a história que nos percorre



Diante de um livro intitulado *História de Portugal*, certamente o leitor atento mostrará curiosidade. A generalidade na apresentação do título aparentemente não condiz com a limitada demarcação de 372 páginas. Por outro lado, o reconhecimento público dos autores dos diferentes artigos da coletânea organizada por José Tengarrinha torna bastante convidativa esta publicação, neste ano simbolicamente marcado pelos 500 anos. O lançamento coincide, porém, com o naufrágio das comemorações e certamente houve menos entusiasmo do que seria de esperar a respeito das relações passado/presente/futuro Brasil–Portugal. Não poderíamos, também, transformar anacronicamente o desejo em expectativa: poder-se-ia legitimamente cobrar dessa "história" um relato de "outros quinhentos"? Para tanto, tornar-se-ia imprescindível uma abordagem alternativa dos percursos e dos percalços da narrativa, que, astutamente, se mostrasse capaz de fugir das idiossincrasias de nacionalismos que, de parte a parte, entre Portugal e Brasil, prejudicam o debate, o intercâmbio e, sobretudo, a compreensão.

José Mattoso faz o capítulo de abertura, sintomaticamente sobre a "formação da nacionalidade". Afirma que, antes da formação do Estado, não havia nacionalidade portuguesa. Foi, assim, a política e a demarcação do território quem criou a identidade da nação-Portugal. Salientando a força dos poderes regionais e locais, Mattoso debruça-se sobre o embrião da futura nacionalidade portuguesa: os condados de Portucale e de Coimbra. Da união surgiria o posterior "Condado Portucalense", entregue por Afonso VI de Leão e Castela ao conde Henrique de Borgonha como um dote de casamento de sua filha, Dona Teresa, em 1096. Com sua estrutura organizada pelo e para o combate aos povos do Islã, a nobreza portuguesa ganhava identidade e se consolidava mediante o feito guerreiro e mediante a concessão de privilégios. Foi a partir do comando de Afonso Henriques, que em 1131 passaria a liderar a guerra externa, que Portugal delimitaria sua fronteira.

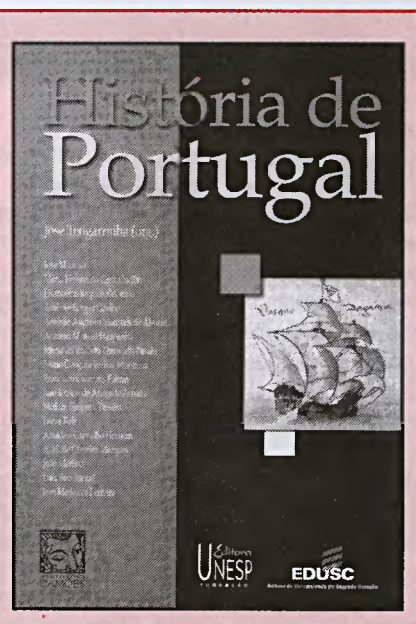
Como sublinha Humberto Baquero Moreno, os cavaleiros em Portugal deveriam ser escolhidos entre homens de boa linhagem, que se destacassem tanto por seu saber quanto por seus costumes e boas maneiras. Tal situação extrapola os limites da Idade Média e a modernidade portuguesa convive com essas relações de fidalguia. Ao monarca cabia armar cavaleiros. Estes teriam, ao final da terceira geração, seus sucessores qualificados como fidalgos. Os primeiros capítulos do livro versam, portanto, sobre um Portugal que, anterior à nossa própria demarcação de terra descoberta, nos é, em certa medida, estranho.

O capítulo de Antonio Borges Coelho dá início, na lógica da obra, ao novo período da história portuguesa: um Portugal que se lança ao mar, que arrisca seu lugar continental e que, vencedor no empreendimento, torna-se protagonista no cenário mundial. As navegações e as descobertas são, naturalmente, acompanhadas por um imaginário que entrelaça ao mesmo tempo aventura, ousadia, estranhamento, reconhecimento, desvendamento, deslumbramento e medo. O outro descobèrto é sempre o radicalmente novo; o irredutivelmente diferente. Portanto, o medo segue-se à estranheza. Os autores deixam clara a dificuldade de o colonizador se rever no colonialismo. Na outra margem, parece natural que o colonizado recuse, por princípio, sua herança. Brasileiros que não se reconhecem como parte dessa história; portugueses que teimam em dizer que os colonizadores foram os que para cá vieram, sendo – em virtude disso – os nossos antepassados; e não os deles.

Civilizar é recortar culturas; é produzir representações autorizadas; é estabelecer comunidades de convenções e protocolos de significados; é, enfim, recusar o olhar do outro como forma necessária de determinar padrões de vida comum. Por tal dimensão, o mundo que nos descobria levaria a cultura para este outro, novo mundo, que era, no compasso, descoberto.

A expansão tinha correspondência no plano das estruturas mentais, que, paulatinamente, incorporavam a mudança dos tempos e das vontades. O século XVI veria Portugal publicar cerca de 1.904 títulos de livros. A cultura do impresso progressiva e lentamente passaria a disputar seu espaço. Embora sem grandes repercussões da Reforma protestante, Portugal mantinha suas fortes raízes judaicas e mouras. A conversão tinha sido forçada e a Inquisição vigiava qualquer ação suspeita. Cristãos-novos e sincretismo religioso favoreciam um entrelaçamento aparentemente pouco ortodoxo de ações, reações e orações. De qualquer modo, com as descobertas, abriam-se novos horizontes, o mapa da Terra tornava-se ampliado, firmavam-se caminhos inéditos e atrevidos.

Esses mesmos caminhos tiravam, contudo, Portugal de seu território. Portugal deixava o continente, afastava-se da Europa e lançava-se ao mar. A inquietação sobre a nova armação do mundo transbordaria, inclusive, a passagem dos séculos. Em meados do século XVIII, Pombal e as reformas pombalinas pretendem centralizar Portugal, em termos políticos e administrativos. Parecia urgente ao Ministro a consolidação de uma arquitetura burocrática que, ao mesmo tempo, trouxesse racionalidade e firmeza na condução dos assuntos do Estado. Desejava-se, pela centralização e pela eficácia administrativa da Coroa, desenvolver políticas públicas capazes de levar o país a superar seu longo tempo de decadentismo – tido, muitas vezes, como uma conseqüência das navegações.



História de Portugal, de José Tengarrinha (org.). Editora UNESP/ Edusc/ Instituto Camões; 372 págs.; R$ 35,00, com 25% de desconto para a comunidade unespiana.

Estudos que combinam a busca de compreensão do mundo rural português com o incipiente território do crescimento industrial trazem balizas para a compreensão dos porquês do atraso ibérico em relação aos demais países europeus: Portugal, precocemente centralizado, deixara para trás o universo da civilização, quando optou pela aventura colonial e sacrificou, por tal opção, o mundo da cultura letrada. Jaime Reis, estudando particularmente o século XIX, destaca as pressões demográficas, os níveis de bem-estar e de consumo individuais como fatores a serem considerados. O Estado era notoriamente o maior agente econômico do país. Mas o atraso do país era comentado e a idéia de decadência, tida por um fato.

A identidade portuguesa reporta-se, no conjunto (e os tempos contemporâneos talvez não tenham sido capazes de alterar isso), a uma melancolia plena de passado, mas eivada de pinceladas de futuro; futuro que se projetou e se cristalizou na utopia, como se de uma vocação se tratasse. Povo que um dia tomaria de assalto o ultra-ocidente e que, ao fazer isso, colocava o máximo de si no mínimo dia-a-dia, povo que inventava a saudade como forma de dar lugar a um vazio; de legitimar alguma falta ou de produzir, pela memória, o amor que não podia ser cantado...

Vocação universalista e cultura de província, Portugal era, ao fim e ao cabo, a conjunção de opostos. Ao deitar contas ao tempo, a metrópole sublima em sua colônia Brasil o outro que um dia desejou de si mesmo. E o Brasil, por não se reconhecer na história portuguesa, traça uma narrativa que lhe é alheia. Todos esses elementos – por vezes contraditórios, quiçá anacrônicos, mas extremamente atuais – estão implicitamente presentes e pendentes neste *História de Portugal*, obra composta como um verdadeiro caleidoscópio feito a propósito para ler Portugal no Brasil; ontem e hoje, como variações sempre recompostas e, portanto, provisórias de um trajeto que, seja como for, conta uma história que nos percorre...

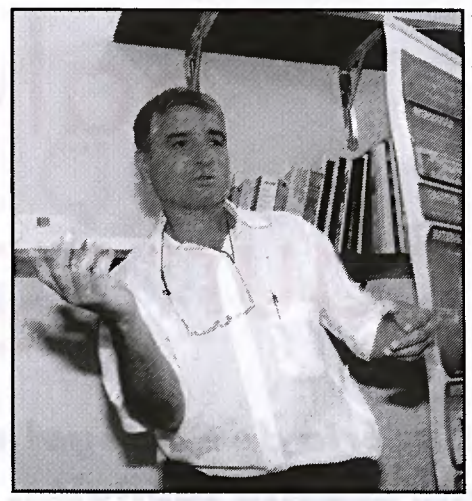
Carlota Boto é professora de História da Educação na Faculdade de Ciências e Letras da UNESP, câmpus de Araraquara.

VETERINÁRIA

Diversão saudável, inclusive para os animais

Pesquisadores comprovam que o polêmico sedém, usado em rodeios, é inofensivo a bois e cavalos

Arquivo



Hélcio Toth

INDOLOR
Vasconcelos: cócegas nos animais

Os militantes que atuam em defesa dos animais supostamente maltratados nos rodeios perderam seu mais forte argumento para condenar esse tipo de evento. Graças ao trabalho de um grupo de pesquisadores da UNESP, coordenados pelo médico veterinário Orivaldo Tenório de Vasconcelos, do Departamento de Patologia Veterinária da Faculdade de Ciências Agrárias e Veterinárias (FCAV), câmpus de Jaboticabal, eles não poderão mais usar o sedém como motivo para sua luta. Vasconcelos e seus colegas conseguiram demonstrar que, desde que usado corretamente, esse dispositivo – na verdade, uma cinta que é amarrada à virilha do animal, nas provas de rodeio, com o intuito de instigá-lo – não causa nenhum dano. Não é o caso de outros maltratos, que costumam passar despercebidos pelos leigos, como os causados pela espora de gancho e pela corda americana, quando tracionada por mais de um peão.

Vasconcelos sabe do que está falando. Com um grupo que reúne 15 pesquisadores, das áreas de farmacologia, patologia, comportamento e reprodução animal, criou uma linha de pesquisa, o Projeto Sedém, em convênio com a Fundação de Estudos e Pesquisas em Agronomia, Medicina Veterinária e Zootecnia – Funep. "Com as pesquisas, provamos que o sedém provoca apenas cócegas na região da virilha dos animais", explica. "É importante lembrar que, nos eqüinos e bovinos, a região da virilha corresponde à região do gradil costal e axilar no homem, em termos de sensibilidade."

TESTES EM 12 ANIMAIS

Os pesquisadores realizaram testes clínicos e laboratoriais em 12 animais não castrados e utilizados em rodeios há pelo menos quatro anos. De acordo com Vasconcelos, os exames mostram que o sedém não tem qualquer relação com os testículos. "A biópsia, feita depois do uso do sedém, revelou uma epiderme íntegra e derme com estrutura e glândulas sem alterações", conta o pesquisador. "A freqüência cardíaca e respiratória e os níveis do hormônio cortisol, que funcionam como indicadores de estresse, também se apresentaram normais."

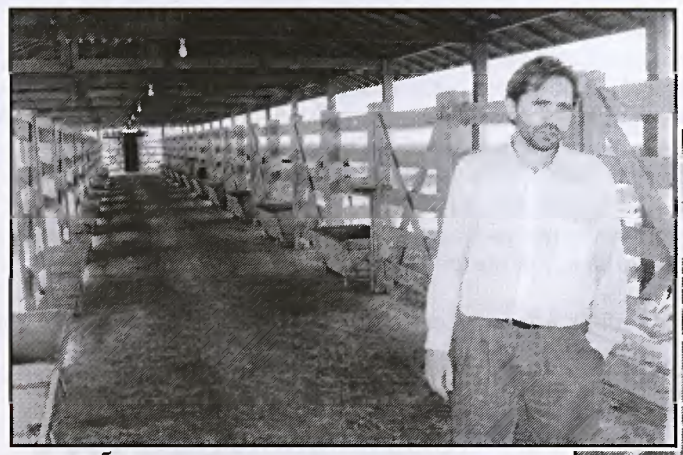
Além disso, os animais foram submetidos à prova de disposição alimentar e sexual, logo após a montaria, ainda com o sedém na região da virilha. "Nos dois casos, apresentaram comportamento normal", assegura Vasconcelos. "Alimentaram-se normalmente e, com uma fêmea no cio, desempenharam sua função sexual sem problemas." Esses resultados, já apresentados no último Congresso Brasileiro de Medicina Veterinária, sugerem ausência de dor.

Depois de conseguir mostrar que o sedém não causa danos aos animais, o próximo passo do grupo é transmitir o que aprendeu nesses 10 anos de pesquisa. Para colocar em prática esse objetivo, o médico veterinário Vasconcelos vai dar um curso sobre Veterinária Esportiva, ainda este ano ou, o mais tardar, no primeiro semestre do ano que vem. "Será um curso pioneiro e vai mostrar as verdadeiras causas das lesões nos animais", explica. A julgar pela procura, o curso será um sucesso. Mais de uma centena de médicos veterinários manifestaram a intenção de fazê-lo. "A duração será de dois dias e, com o certificado de conclusão, os veterinários poderão trabalhar como fiscais de rodeio."

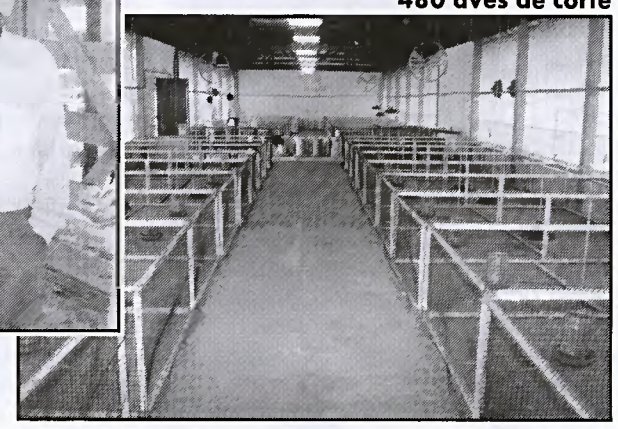
ZOOTECNIA

Rigor e experimentação

Medicina Veterinária mantém centro com padrão internacional



GALPÃO
Garcia Neto: modernos princípios de logística



Fotos Hélcio Toth

AVICULTURA
Padrão internacional: 480 aves de corte

Ao reunir uma fábrica de rações, galpões experimentais para avicultura e um setor para abrigar ruminantes, todos projetados dentro de modernos princípios de logística, o Setor Experimental de Zootecnia (Sez), que funciona numa área de 1.535 m², anexa ao curso de Medicina Veterinária da Faculdade de Odontologia (FO) da UNESP, câmpus de Araçatuba, credencia-se a ser um marco nas pesquisas de Zootecnia no País. "Será possível fazer pesquisas associadas às exigências nutricionais de aves e bovinos e avaliar novas fontes de alimentos destinados à produção animal", conta o zootecnista Manoel Garcia Neto, chefe do Departamento de Apoio, Produção e Saúde Animal (Dapsa).

As instalações do Sez, que custaram R$ 240 mil, obtidos junto à Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (Fapesp) e à Reitoria da UNESP, podem interagir entre si de acordo com a necessidade da pesquisa. A Fábrica de Rações, por exemplo, tem como prioridade atender a demanda interna de rações do Curso de Medicina Veterinária. "Produzirá ainda as formulações específicas dos experimentos em andamento no próprio Sez", explica Garcia Neto.

ATIVIDADES DIDÁTICAS

O Sez também comporta um Laboratório de Bromatologia, ciência que estuda os alimentos. "Ele ainda está em fase de implantação. Quando pronto, provavelmente até o final do ano, nos permitirá analisar os alimentos, estudando a sua composição e principais características químicas", conta o engenheiro agrônomo Hamilton Caetano, também do Dapsa. "O laboratório, além de realizar análises, poderá ser usado para atividades didáticas com pequenos grupos de alunos."

O Setor de Avicultura, por sua vez, tem capacidade para alojar 480 aves de corte, em baterias – conjuntos de gaiolas construídas segundo modernos padrões internacionais –, e 2.000 aves, em piso. "Como aproximadamente 70% do gasto em experimentos na área avícola são com ração, realizar estudos preliminares com menos animais, em baterias, representa uma significativa economia. Só serão feitas em grande escala as pesquisas que se mostrarem bem-sucedidas com um número menor de animais", enfatiza Garcia Neto. "Temos ainda dois galpões experimentais para abrigar poedeiras comerciais com capacidade para 800 aves em produção."

Com espaço para 48 animais confinados, o Setor de Ruminantes também segue modernos padrões de qualidade. "Podemos controlar as rações e o peso dos animais em diversos projetos de pesquisa", afirma Garcia Neto. "Com essa estrutura, já realizamos dois projetos de pesquisa sobre a avaliação de um aditivo e de um produto homeopático no desempenho de bovinos de corte em crescimento", conta o engenheiro agrônomo Cecílio Viega Soares Filho, do Dapsa, que coordenou esses trabalhos com o professor Caetano.

Com a qualidade de suas instalações, o Sez se habilita a realizar estudos sobre formulação de rações minerais, orientação técnica para a criação e manejo de animais, estabelecimento e reforma de pastagens, além de palestras para produtores, técnicos e estudantes. "Estamos preparados para realizar consultoria em projetos pecuários, que vão desde a elaboração de hipóteses à redação do relatório final", conclui Garcia Neto.

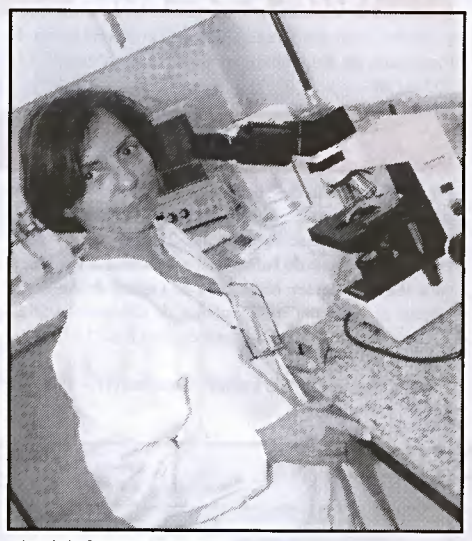
Lena Trindade/NJ Imagens

Resultados de pesquisa com espécies vegetais da Mata Atlântica e cerrado paulista surpreendem cientistas: seis têm ação antibiótica e três, atividade antitumoral e antioxidante

Depois de embrenhar-se no que restou da Mata Atlântica e do cerrado paulista, enfrentar espinhos e pernilongos e levar tombos e escorregões para coletar extratos de plantas com possíveis ações medicinais, a farmacêutica Vanderlan da Silva Bolzani, do Departamento de Química Orgânica do Instituto de Química (IQ) da UNESP, câmpus de Araraquara, foi recompensada à altura de seu sacrifício. Dos extratos de cerca de 500 espécies de plantas recolhidas por ela, 130 foram testadas quimicamente nos laboratórios do IQ. "Dessas, seis revelaram-se possuidoras de ação antibiótica, antifúngica e antichagásica, e três de atividade antitumoral e antioxidante", conta Vanderlan.

A pesquisa de Vanderlan faz parte do projeto, financiado pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (Fapesp), *Conservação e uso sustentado da flora do cerrado e Mata Atlântica: diversidade química e prospecção de fármacos potenciais*, do qual ela é coordenadora, que começou em janeiro do ano passado e tem prazo de duração de quatro anos. Junto com a pesquisadora da UNESP, também participa do projeto, como vice-coordenadora, a química Maria Cláudia Marx Young, do Instituto de Botânica do Estado. "Nossa proposta é fazer um estudo de bioprospecção no Estado de São Paulo", explica Vanderlan. "O objetivo é pesquisar plantas com possíveis atividades antifúngica, antitumoral e antioxidante." Esse projeto está dentro de um maior, o Biota (o ***Jornal da UNESP*** publicou reportagem a esse respeito em sua edição de agosto de 1999, nº 138).

Das espécies testadas por Vanderlan e que revelaram ter propriedades medicinais, ela revela o nome de apenas duas, a casca-de-anta ou jasmim-grado (*Raufolvia sellowii*) e o guatambu ou guatambu-branco (*Aspidosperma olivaceum*), com ação antibiótica, ambas da Mata Atlântica. "Não podemos revelar o nome das espécies que testamos, porque corremos o risco de os grandes laboratórios passarem na nossa frente e patenteá-las antes de nós", justifica Vanderlan. "Como eles têm mais recursos, se souberem qual planta tem chance de ser transformada num fármaco, podem concluir a pesquisa muito mais rapidamente que a gente. Por isso, o sigilo é muito importante."



Hélcio Toth

ANTIOXIDANTES
Vanderlan: combate aos radicais livres

RADICAIS LIVRES

Das substâncias que encontrou, Vanderlan dá especial atenção aos antioxidantes, que combatem os radicais livres. Esses radicais livres não são nenhum extremista político em liberdade, mas moléculas resultantes da respiração e responsáveis pela morte celular. Em outras palavras, durante a respiração, os organismos que usam o oxigênio nesse processo – há bactérias que têm respiração anaeróbica, isto é, sem oxigênio – transformam esse gás em energia e geram, como subproduto, moléculas altamente reativas, os radicais livres. "Já está provado que eles são responsáveis pelo envelhecimento precoce e por doenças degenerativas crônicas, como o mal de Alzheimer, a demência e alguns tipos de artrite", diz Vanderlan. "Daí a importância de estudar plantas com atividades antioxidantes."

Vanderlan não está sozinha neste trabalho. Além de Maria Cláudia, do Instituto de Botânica, ela conta com 17 pesquisadores e 30 alunos de mestrado e doutorado do Núcleo de Bioensaios, Biossíntese e Ecofisiologia de Produtos Naturais – NuBBE (*leia quadro*). Os integrantes do NuBBE varreram o Estado atrás de áreas preservadas de Mata Atlântica e cerrado. Fizeram incursões coletoras no litoral, de sul a norte. Estiveram, por exemplo, na Estação Ecológica de Juréia-Itatins, no litoral sul, e em Picinguaba, no litoral norte. Também recolheram exemplares da flora paulista em fazendas espalhadas por todo o Interior.

Os resultados ficaram bem acima das expectativas. Em todas as pesquisas deste tipo, aleatórias, não se encontra mais do que 1% de espécies com potencial para ter algum tipo de atividade biológica ou medicinal. "Nada menos do que 3% das espécies que coletamos apresentaram alguma atividade antifúngica, antitumoral ou antioxidante", comemora Vanderlan. Diante desse resultados, é fácil entender por que a farmacêutica do IQ e sua equipe não se dispõem a divulgar suas descobertas, antes de patenteá-las. "Os nomes das substâncias que isolamos só circulam em relatórios internos", diz a pesquisadora da UNESP. "Nem em revistas científicas eles foram publicados. É uma providência indispensável quando se pensa em produção comercial de um medicamento."

Embora a possibilidade de descobrir novos princípios ativos, que possam gerar medicamentos mais baratos, seja o aspecto mais atraente, ou o que dá mais repercussão, o trabalho de Vanderlan está longe de limitar-se apenas a isso. A bioprospecção levada a cabo por ela também tem uma importância ecológica inestimável. "Além da busca de produtos bioativos, é importante conseguir um registro químico das espécies dos diferentes ecossistemas ainda remanescentes em São Paulo", explica Vanderlan. "Este estudo químico das espécies pode servir de base para o remanejamento e a preservação daquelas ameaçadas de extinção."

Evanildo da Silveira

Alternativa moderna de pesquisa

Centro de investigação desvenda segredos da flora tropical

A busca de compostos químicos originários de plantas com possíveis ações medicinais e do entendimento de sua formação e função está na raiz da criação do Núcleo de Bioensaios, Biossíntese e Ecofisiologia de Produtos Naturais (NuBBE), um centro de investigação científica multidisciplinar que faz parte do Departamento de Química Orgânica do Instituto de Química da UNESP, câmpus de Araraquara. "O NuBBE é uma alternativa moderna de pesquisa em produtos naturais e formação de recursos humanos especializados na área", diz a farmacêutica Vanderlan da Silva Bolzani, do mesmo departamento.

O NuBBE possui laboratórios de fitoquímica, biossíntese, bioensaios e cromatografia, além, é claro, de especialistas nessas áreas. "Por isso, temos capacidade técnica para prestar consultoria relacionada ao isolamento, identificação e elucidação estrutural de substâncias de origem vegetal", explica Vanderlan. É isso o que permite saber se um determinado extrato vegetal tem propriedades medicinais ou não, se tem potencial para se transformar num remédio ou não. "Para perceber a importância dessas pesquisas, basta levar em conta a biodiversidade da flora tropical e a velocidade de sua devastação", diz a pesquisadora. Ela tem razão. Se nada for feito, muitos princípios ativos que poderiam ser transformados em remédios serão perdidos antes mesmo de serem estudados. E serão perdidos para sempre.

(E.S.)

POSSE

Gestão participativa

Nova diretoria do Instituto de Artes propõe administração descentralizada

Ampliar a divulgação das atividades artístico-culturais, modernizar os cursos de licenciatura e administrar de forma sempre participativa. Com esses três objetivos em mente, a bacharel em música Marisa Trench de Oliveira Fonterrada assumiu, no dia 17 de julho último, o cargo de diretora do Instituto de Artes (IA) da UNESP, câmpus de São Paulo, em substituição a Regina Coeli de Souza Pinto. Na cerimônia, realizada na Reitoria, em São Paulo, também foi empossado o vice-diretor Milton Terumitsu Sogabe, licenciado em Artes Plásticas, em cargo antes ocupado por Maria Helena Maestre Gios.

Estiveram presentes à posse, entre outros, o reitor Antonio Manoel dos Santos Silva e os pró-reitores de Extensão Universitária, Edmundo José De Lucca, e de Administração, Ricardo Antonio de Arruda Veiga. "Neste primeiro momento após assumir o cargo, vou ouvir a comunidade do IA – docentes, alunos e funcionários –, pois nossa gestão tem na participação de todos um de seus pilares fundamentais", diz Marisa. "Queremos elevar o nome do IA dentro e fora dos muros da Universidade."

Para a nova diretora, também é essencial promover uma reformulação da estrutura curricular. "Hoje, oferecemos licenciatura em educação artística, com habilitação em Artes Cênicas, Artes Plásticas ou Música. A opção para uma delas é feita no final do segundo ano. O objetivo é que, seguindo os princípios da LDB de 1996, o aluno entre no terceiro grau com a escolha já feita", explica Marisa. "Isso nos permitirá selecionar melhor, no vestibular, o perfil do aluno para cada curso."

Hélcio Toth

OBJETIVOS **Sogabe e Marisa: ampliação e modernização**

3x4

Marisa Fonterrada, 61 anos, três filhos, nasceu em Botucatu, SP. Bacharelou-se em Música pelo Instituto Musical de São Paulo, em 1977, e fez seu mestrado e doutorado na PUC-SP, respectivamente em Psicologia da Educação, em 1991, e em Antropologia, em 1996, sempre relacionando essas áreas com a Música. É docente do Departamento de Música do IA desde 1995.

AGENDA

RELAÇÃO DOS EVENTOS PROMOVIDOS PELAS UNIDADES NO MÊS DE AGOSTO

ARAÇATUBA

• 14 a 19/08. **Semana de Medicina Veterinária.** Temas: Traumatologia na Clínica de Pequenos Animais; Reprodução em Bovinos; Manejo Clínico de Alterações Digestivas em Eqüinos – A Síndrome Cólica e o Profissional a Campo; Atualização em Nutrição de Cães e Gatos. Na Faculdade de Odontologia (FO). Informações: (0xx18) 620-3270 ou 625-2958.

ARARAQUARA

• 4 a 13/08. **Campanha de Prevenção do Câncer de Boca**. Na Faculdade de Odontologia (FO). Informações: (0xx16) 201-6437.

• 5 a 11/08. **47ª Jornada Farmacêutica, II Simpósio de Biotecnologia e I Seminário de Cosmetologia**. Na Faculdade de Ciências Farmacêuticas (FCF). Informações: (0xx16) 232-0200, ramal 260.

BAURU

• 1º a 14/08. Período de inscrição para o **Curso de Especialização – Pós Graduação Lato Sensu** na área de Treinamento Físico Individualizado, a ser realizado aos sábados de 16/09/2000 a 15/09/2001, com uma semana de aulas concentradas de 21 a 26/01/2001. Carga horária total: 368 horas. Na Faculdade de Ciências (FC). Inscrições de segunda a sexta, das 9h às 12h e das 14h às 17h, na sede da Fundeb – Fundação para o Desenvolvimento de Bauru. Informações: (0xx14) 230-2166.

• 11/08. Início do curso de **Aprimoramento em Psicossomática e Psicologia Hospitalar**. Na FC. Informações: (0xx14) 230-0562 ou 423-9399.

BOTUCATU

• 8 a 10/08. **II Congresso de Oncologia da Liga do Câncer de Botucatu (LCB)**. Às 19h. No Salão Nobre da Faculdade de Medicina (FM). Informações: (0xx14) 6802-2121.

• 12 a 18/08. **IV Semana da Bio.** No Instituto de Biociências (IB). Informações: (0xx14) 6802-6000.

Atenção, unidades:

Prazo para envio de informações para a Agenda:
– edição de setembro, 15/8
– edição de outubro, 15/9
– edição de novembro, 17/10

• 17 a 20/08. **V Encontro Florestas Nativas & Sistemas Agroflorestais**. Participação da Prof. Vera Lex Engel. No Primar Hotel. Informações: (0xx14) 6821-1866.

GUARATINGUETÁ

• 19/08. **I Jornada sobre Pesquisa em Ultradiluições**. Organização: Prof. Dr. Carlos Renato Zacharias do Departamento de Física e Química da Faculdade de Engenharia (FE). Na Associação Paulista de Homeopatia, São Paulo (SP). Informações: (0xx12) 525-2800.

• 22/08. **"Atuação da Lua no Processo Colisional de Corpos Celestes com a Terra"** que faz parte dos Seminários em Dinâmica Orbital e Planetologia. Às 15h. Na FE. Informações: (0xx12) 525-2800.

• 23 a 25/08. **Jornada de Iniciação Científica 2000**. Na FE. Informações: (0xx12) 525-2800.

• 29/08. **"Diagnóstico de Caos usando o SUPMAP"**, que faz parte dos Seminários em Dinâmica Orbital e Planetologia. Às 15h. Na FE. Informações: (0xx12) 525-2800.

ILHA SOLTEIRA

• 28/08 a 2/09. **Semana da Engenharia Mecânica.** Na Faculdade de Engenharia (FE). Informações: (0xx18) 763-8138.

JABOTICABAL

• 9 a 10/08. **Curso de Construção de Tanques e Viveiros para Piscicultura**. No Centro de Aqüicultura (CAUNESP). Informações: (0xx16) 323-2110.

• 18/08. **IV Curso de Informática Aplicada à Bovinocultura (Leite e Corte)**. Na Sala 31 da Central de Aulas "Dr. Marcos A. Giannoni" da Faculdade de Ciências Agrárias e Veterinárias (FCAV). Informações (0xx16) 323-1322, ramal 219 e 224.

• 19/08. **Seminário Agricultura Sustentável – Produção Lucrativa, Preservação Ambiental e Desenvolvimento Social**. Na Sala 31 da Central de Aulas "Dr. Marcos A. Giannoni" da FCAV. Informações (0xx16) 323-1322, ramal 219 e 224.

• 30 a 31/08. **Curso de Qualidade de Água para Piscicultura**. No CAUNESP. Informações: (0xx16) 323-2110.

PRES. PRUDENTE

• 9/08. Último dia de inscrição para a **Semana da Pedagogia "O Universo em Desconstrução"**, a ser realizada de 2 a 7 de outubro. Na Faculdade de Ciências e Tecnologia (FCT). Informações: (0xx18) 221-5388, ramal 334.

• 18/08. Último dia de inscrição para a **I Mostra Científica do Curso de Pedagogia**, a ser realizada de 2 a 7 de outubro. Na FCT. Informações: (0xx18) 221-5388, ramal 334.

• 21 e 22/08. **Seminário Metodologia de Pesquisa**. Na FCT. Informações: (0xx18) 221-5388.

• 29 a 31/08. **II Encontro de Educação**. Tema: Políticas Públicas: Diretrizes e necessidades da Educação Básica. Na Faculdade de Ciências e Tecnologia (FCT). Informações: (0xx18) 221-5388, ramais 221 ou 219.

• 31/08 a 02/09. **IV Semana da Estatística**. Na programação, conferências, mesa-redonda e minicursos. Na FCT. Informações: (0xx18) 229-5385.

RIO CLARO

• 6 a 11/08. **3rd International Symposium-Workshop on Frugivores And Seed Dispersal: biodiversity and conservation perspectives.** Integram a comissão organizadora os docentes Mauro Galetti, do Departamento de Ecologia, e Marco Aurélio Pizo, do Departamento de Botânica, do Instituto de Biociências (IB) No Hotel Fazenda Colina Verde, em São Pedro, SP. Informações: telefone (0xx19) 526/4145/8, com o professor Galetti ou no *site* http://www.unicamp.br/ib/f2000.

S. J. RIO PRETO

• 15 a 25/08. Disciplina **Tópicos Especiais de Análise Lingüística: estudos avançados de terminologia e lexicologia** do Curso de Pós-Graduação em Estudos Lingüísticos. Área de Concentração: Teoria e Análise Lingüística. 45 h/aula. De 15 a 18, aulas ministradas por Maria Teresa Cabré, da Universidade Pompeo Fabra, Espanha, maior expoente mundial da atualidade no campo da Terminologia; e, de 21 a 25, com Maria Aparecida Barbosa, da USP, uma das maiores lexicólogas do Brasil. Docente responsável: Lídia Almeida Barros, da UNESP. No Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas (Ibilce). Informações: pelo telefone (017) 224-4966, no Ibilce, ou pelo *e-mail* lidia@westnet.com.br.

SÃO PAULO

• 3 a 25/08. Período de inscrição para o curso de especialização em **Teoria e Prática Artísticas,** intitulado Fundamentos da Cultura e das Artes, a ser realizado, aos sábados, a partir de 26 de agosto. No Instituto de Artes (IA). Informações pelo telefone (0xx11) 274-4733, ramal 201, ou pelo *e-mail* olga@ia.unesp.br.

• 7/08. Curso de **Alfabetização Solidária.** No IA. Informações: (0xx11) 274-4733, ramal 221.

• 11/08. Palestra: **A Expansão do Universo**, que faz parte do programa Física ao Entardecer. Ministrada pelo Prof. Dr. Ioav Waga. Às 18h30. No auditório do Instituto de Física Teórica (IFT). Informações: (0xx11) 3177-9073 ou 3177-9029.

• 14/08 a 4/09. Curso: **Diagramação de Livros, Jornais e Revistas com Adobe PageMaker 6.5.** Na Escola do Livro (Praça da Sé, 108, 6º andar). Informações: (0xx11) 232-7171 ou 232-9555.

• 15/08 a 28/09. Curso: **Técnicas Profissionais de Tratamento de Imagens com o Photoshop**. Na Escola do Livro. Informações: (0xx11) 232-7171 ou 232-9555.

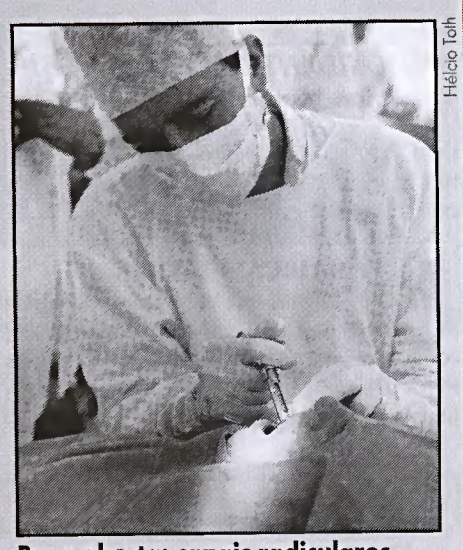
ODONTOLOGIA

Dois eventos internacionais

Em Araraquara, a 54ª Jornada de Odontologia e o III Encontro de Endodontia

Realizada há mais de 50 anos, a Jornada Internacional da Faculdade de Odontologia (FO) da UNESP, câmpus de Araraquara, contribui para aumentar o conhecimento e o aperfeiçoamento de alunos e profissionais da área. Nesta 54ª edição, a ser realizada de 19 a 26 de agosto, o evento reúne um curso internacional de ortodontia, a ser ministrado pela odontóloga Birte Melsen, da Universidade de Aarhus (Dinamarca), que fará uma palestra, dia 19, sobre "Tratamento Ortodôntico de Pacientes Adultos". Dias 19 e 20 será realizado também o III Encontro Internacional de Endodontia de Araraquara, sobre os temas "Desinfecção dos Sistemas de Canais Radiculares – Uso de Instrumentos Rotatórios de Níquel-Titânio" e "Cirurgia Parendodôntica e Instrumentação com Rotatórios Sistema Pow-R".

"Sobre este último tema, haverá a palestra de outro convidado estrangeiro, Paul Dammer, do País de Gales", informa o coordenador do evento, o odontólogo Renato de Toledo Leonardo, do Departamento de Odontologia Restauradora da FO. "Além da presença internacional de renomados professores, a jornada promoverá cursos, minicursos e *workshops*", finaliza. Informações, pelo *site* http://www.foar.unesp.br/jofoar.htm ou pelos telefones (0xx16) 226-5476, no horário comercial, ou (0xx16) 236-1072, após às 18h, com Débora.



Hélcio Toth

Boca aberta: canais radiculares

PROJETO GENOMA

Manchete internacional

Seqüenciamento da *Xylella fastidiosa* por pesquisadores brasileiros ganha a capa da revista *Nature*

Reprodução

Fapesp/Silvia Ferreira

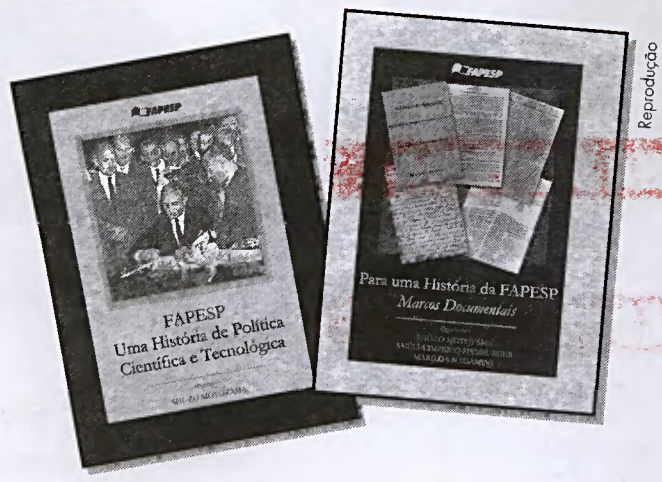
PRIVILÉGIO
Simpson: sonho realizado

Objetivo perseguido por pesquisadores de todo o mundo, um artigo publicado na revista inglesa *Nature*, considerada uma das mais importantes do planeta, é sinônimo de reconhecimento internacional. Conseguir que um *paper* seja matéria de capa e motivo de editorial no semanário constitui, então, uma conquista quase inimaginável, principalmente para pesquisadores do Terceiro Mundo. No entanto, esse sonho se tornou realidade, na edição de 13 de julho último da revista, para os 116 pesquisadores que participaram do Projeto Genoma *Xylella fastidiosa*, que resultou no primeiro seqüenciamento mundial de um patógeno de plantas. "Nos 131 anos da revista e em toda a história da ciência brasileira, é a primeira vez que um programa desenvolvido inteiramente no País ganha tanto destaque", comemorou, em entrevista coletiva à imprensa, José Fernando Perez, diretor científico da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (Fapesp), agência de fomento responsável pela maior parte dos US$ 13 milhões investidos no empreendimento.

Para o biólogo inglês Andrew Simpson, coordenador de DNA do Projeto, a publicação do *paper* na *Nature* é motivo de especial orgulho. "Realizei o sonho de minha vida como pesquisador no Brasil", afirmou, na entrevista concedida na sede da Fapesp, em São Paulo. "Fazer ciência de qualidade num projeto de relevância social e econômica como este é um privilégio", acentuou, destacando que a bactéria, causadora da praga do amarelinho, infecta 30% dos laranjais paulistas e gera um prejuízo anual de US$ 1, 5 bilhão. "Com o conhecimento adquirido com o seqüenciamento, talvez seja possível descobrir formas de controlar a praga."

A UNESP esteve representada na coletiva pelo pró-reitor de Pós-Graduação e Pesquisa (Propp) Fernando Mendes Pereira, que salientou a participação da Universidade no projeto. "Entre coordenadores, docentes, alunos de pós-doutoramento, pós-graduação e graduados, 35 unespianos estiveram envolvidos no Projeto", disse. Lembrou que quatro laboratórios – dois da Faculdade de Ciências Agrárias e Veterinárias (FCAV) do câmpus de Jaboticabal, e dois do câmpus de Botucatu, um da Faculdade de Ciências Agronômicas (FCA) e outro, do Instituto de Biociências (IB), desempenharam importante papel nessa conquista. "O Brasil, graças ao Projeto Genoma *Xylella fastidiosa*, é hoje referência mundial em biologia molecular de fitopatógenos. É um privilégio para a UNESP participar desse evento", afirmou.

FAPESP



Reprodução

Uma história de sucesso

Em dois volumes, a fascinante trajetória da fundação

A Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (Fapesp) tornou-se sinônimo de pesquisa no Estado. Ao longo de sua trajetória, ela se caracterizou pela competência em realizar investimentos em ciência como um instrumento de bem-estar e desenvolvimento social. Para registrar essa história, a fundação está lançando dois livros que contam, em detalhes, desde as suas origens até o estágio atual. "Eles são importantes para entender a fascinante história de um empreendimento tão bem-sucedido", conta José Fernando Perez, diretor científico da Fapesp.

Fapesp – uma história de política científica e tecnológica (300 páginas), um dos livros, traz cinco artigos, de pesquisadores da USP, que abordam todo o período da formação e consolidação da fundação, desde a aprovação da Constituição Estadual de 1947, cujo artigo 123 previa a criação de uma fundação para amparo à pesquisa, até hoje. "A criação da Fapesp ocorreu, de fato, em 1962, graças, em boa parte, ao governador Carvalho Pinto, que conhecia muito bem a importância da ciência e da tecnologia para o desenvolvimento", diz o organizador da obra, Shozo Motoyama, diretor do Centro Interunidade de História da Ciência (CHC) da USP.

O outro livro, *Para uma História da Fapesp* (250 páginas), reúne os documentos responsáveis pela criação e desenvolvimento da fundação, como a Lei nº 5.918, de 1960, que instituiu a Fapesp, e o Decreto nº 40.132, de 1962, que aprovou seus estatutos. Organizada por Motoyama, Amélia Hamburguer e Marilda Nagamini, a obra mostra como a Fapesp sempre procurou manter um contato estreito com os cientistas. "A seriedade no uso dos recursos e a preocupação em escolher seus dirigentes entre a própria comunidade científica contribuem decisivamente para o sucesso da fundação", ressalta Motoyama. "Lendo as obras, é possível conhecer a obstinação dos que lutaram pela criação da Fapesp", conclui Perez. Para obter o livro, basta entrar em contato com a assessoria de imprensa da Fapesp, pelo telefone (0xx11) 838-4000.

DIREITO

O primeiro doutor, em quase oito séculos

Primeiro estrangeiro a se doutorar em Coimbra, em 790 anos, é brasileiro – e da UNESP

Ao longo dos 790 anos de existência da Universidade de Coimbra, apenas pesquisadores portugueses obtiveram ali o grau de doutor em Direito Penal. Coube a um unespiano o orgulho de ser o primeiro estrangeiro a obter esse título, em maio último, com a aprovação, com distinção e louvor, da tese de doutoramento do advogado Fernando Andrade Fernandes, professor do Departamento de Direito Público da Faculdade de História, Direito e Serviço Social (FHDSS) da UNESP, câmpus de Franca. "Eles são muito rigorosos. A argüição durou quase sete horas", conta o docente.

Intitulado "O Processo Penal como Instrumento de Política Criminal", o trabalho estuda o estabelecimento de um novo modelo de administração de justiça penal fundada no consenso. Orientado pelo advogado luso Jorge de Figueiredo Dias, considerado um dos maiores especialistas em Direito Penal do mundo, o trabalho tem 860 páginas, 42 delas só de bibliografia consultada e utilizada. "Estudei os códigos penais de Portugal, Alemanha e Itália. Eles foram a base teórica para verificar como funciona a justiça penal brasileira", diz Fernandes, que leciona Direito Penal, em Franca.

INTERNET

Bê-a-bá do lucro virtual

Economista lança *site* com primeiros passos do comércio eletrônico

Paulo Zilberman

Apontado por especialistas em economia como o futuro do mundo dos negócios, o comércio eletrônico, ou *e-business*, em inglês, baseado em negócios via *e-mail*, está em rápida expansão. Com essa motivação, a economista Ozana Herrera, doutoranda em Agronomia, na área de Energia na Agricultura, e funcionária do Serviço Técnico de Informática da Faculdade de Ciências Agronômicas da UNESP, câmpus de Botucatu, produziu e lançou, em junho último, o *site* br-business, que ensina os passos básicos do comércio eletrônico. "Com uma linguagem simples e clara, o *site* oferece informações aos usuários brasileiros que não têm intimidade com a nova ordem econômica mundial, que se instaurou com as novas tecnologias de informação", afirma.

No *site*, o internauta encontra um glossário de termos técnicos de *e-business* e muita informação sobre *business intelligence*, incluindo dicas para abrir uma empresa virtual e sobre como fazer um plano de negócios. Há ainda estatísticas sobre a Internet e informações sobre como promover um *site*. "As informações são gratuitas e, para aqueles que desejam se aprofundar em algum tema, o br-business fornece *links* de páginas especializadas", conta Ozana. O endereço do *site*, que não tem finalidade lucrativa, é www.br-business.com.br

O irônico Eça, atual como há cem anos

Um século depois da morte do escritor português, pesquisadores prestam tributo à sua memória e reconhecem a modernidade de sua obra

Reprodução

Mestre da ironia, o escritor português Eça de Queirós, cujo centenário de morte ocorre no dia 16 de agosto, ainda tem muito a dizer ao leitor do ano 2000. Essa é a opinião dos docentes que lecionam Literatura Portuguesa nos cursos de Letras da UNESP. "Eça sempre procurou denunciar a sociedade para reformá-la. Além disso, arejou a linguagem escrita, aproximando-a da fala. Esses são alguns indícios de sua modernidade e contemporaneidade", avalia Rosane Gazolla Alves Feitosa, professora da Faculdade de Ciências e Letras (FCL) da UNESP, câmpus de Assis.

Autora de *Eça de Queirós: realismo português e realidade portuguesa* (HVF Arte & Cultura; 128 páginas), parte de sua tese de doutorado sobre o escritor português, Rosane aponta ainda outro fator que torna Eça imprescindível aos leitores atuais. "Em livros como *A Cidade e as Serras*, publicado em 1901, há uma reflexão muito atual sobre o conflito entre tecnologia e vida natural", afirma. "Inicialmente, ele defendia a entrada da modernidade em Portugal, mas seu entusiasmo pela máquina esfria em suas últimas obras", concorda Maria Lúcia Fernandes Guelfi, do Centro de Estudos Portugueses "Jorge de Sena" da FCL da UNESP, câmpus de Araraquara.

Márcia Valéria Zamboni Gobbi, também do centro, aponta que Eça de Queirós, embora seja mais conhecido como escritor realista e naturalista, com obras como *O Primo Basílio* e *O Crime do Padre Amaro*, ultrapassa esse modelo. "Ele sempre soube criticar a sociedade com deboche e sarcasmo", avalia. "Mesmo nesses romances realistas, ele trai esse engajamento pela força distorciva da ironia", completa Maria Heloísa Martins Dias, que ensina Literatura Portuguesa no Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas (Ibilce) da UNESP, câmpus de São José do Rio Preto.

INCONSCIENTE

Para Maria Lúcia, da FCL de Araraquara, Eça é um escritor bastante complexo. "Mesmo em *O Primo Basílio*, acusado por muitos de ser um plágio de *Madame Bovary*, ele foi muito criativo. A exploração do inconsciente da adúltera Luísa é muito inovadora. A morte dela, provocada pela culpa, é uma visão psicanalítica da mente humana antes da psicanálise existir", diz. Entre os romances do escritor, Márcia Valéria destaca *A Ilustre Casa de Ramires*. "O escritor trata os elos entre a história e a literatura de forma muito inovadora. O protagonista, Gonçalo, ao reconstruir a vida de um antepassado, adota uma atitude pós-moderna, semelhante à de José Saramago em *História do Cerco de Lisboa*, publicado em 1989", comenta. "Como trabalhou muitos anos como cônsul, em Havana, Newcastle, Bristol e Paris, onde morreu, ele tinha um olhar crítico, de fora, que incomodava os portugueses."

A descrição excessiva, o jogo hábil com as falas das personagens, a focalização grotesca dos tipos sociais, o espírito corrosivo na ótica do narrador e as rupturas semânticas geradoras de riso mostram, para Maria Heloísa, do Ibilce, que Eça abriu a vereda da modernidade em Portugal. "Esse caminho foi trilhado por outros escritores locais, como José Cardoso Pires, Antônio Lobo Antunes e José Saramago", afirma.

Quanto à atualidade de Eça, Sônia Helena de Oliveira Raymundo Piteri, também do Ibilce, destaca o processo irônico, a criação de personagens caricaturais e as artimanhas do narrador. "Tudo isso foi reconhecido pelo próprio Saramago, que, em catálogo da exposição *Eça de Queirós: a escrita do mundo*, na Biblioteca Nacional de Lisboa (*veja quadro*), declarou: '... Mil anos passados, conservo vivíssima recordação desses dias, quando adolescente, assomava ao limiar de uma obra imensa de onde não saí mais...'", conclui.

Oscar D'Ambrosio

Queirosianos em festa

Congressos, encontros, exposição e concurso lembram a efeméride

Eventos no Brasil e no Exterior estão discutindo a obra de Eça de Queirós. O Instituto de Língua e Literatura Portuguesas da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra organizará o Congresso de Estudos Queirosianos e o IV Encontro Internacional de Queirosianos, de 6 a 8 de setembro, em Coimbra, com desdobramentos em Évora. Em novembro, em Massachusetts, nos Estados Unidos, ocorrerá o Congresso "O Último Eça Revisitado: um Colóquio do Centenário de Eça de Queirós (1845-1900)". Outra atração é a exposição "Eça de Queirós: a escrita do mundo", organizada pela Biblioteca Nacional de Lisboa, que poderá vir a São Paulo e ao Rio de Janeiro, até o final do ano, em data a ser confirmada. Ainda em Portugal, a Comissão Nacional para as Comemorações do Centenário da Morte de Eça de Queirós e a Fundação Luso-Americana para o Desenvolvimento têm inscrições abertas até 31 de dezembro para o Prêmio de Ensaio Ernesto Guerra da Cal, com premiação de 2 milhões de escudos, cerca de R$ 17 mil (informações na Biblioteca Nacional, Campo Grande, número 83, 1749-081 Lisboa).

(O.D.)

Sotaque nordestino

Era filho de pai brasileiro e foi amamentado por uma pernambucana

As ligações de Eça com o Brasil são maiores do que se imagina. Nascido em Póvoa de Varzim, em 1845, de pai brasileiro, foi entregue, logo após o batismo, a uma ama de leite, a costureira pernambucana Ana Joaquina Leal de Barros, que o criou até os cinco anos. Após a morte dela, Eça foi morar com os avós patemos, em Verdemilho, cercado de criados pernambucanos, que o avô trouxera do Brasil. "Sua infância, portanto, foi formada pelas cantigas de ninar e brincadeiras dos serviçais brasileiros", informa Rosana Gazolla Alves Feitosa, da FCL, câmpus de Assis. "Eça também aprendeu a falar com sotaque brasileiro e faz uma referência a Pernambuco no conto 'Singularidades de uma rapariga loura'."

Reprodução

Marco Nanini, Patricia Pillar e Alexandre Borges: *Amor & Cia*

A literatura de Eça logo se tornou moda no Brasil. A voz discordante foi Machado de Assis, que escreveu, em 1878, dois artigos no jornal carioca *O Cruzeiro* contra o escritor: "Eça, discípulo de Zola", censurando o naturalismo de *O Crime do Padre Amaro*, e "Os defeitos de O Primo Basílio", criticando a obra mais célebre de Eça. "No segundo artigo, destrói a personagem Luísa, chamando-a de 'títere', embora ela tenha um nível de complexidade semelhante ao do Bentinho ou à da Virgília machadianos", comenta Sônia Helena de Oliveira Raymundo Piteri, do Ibilce.

Eça e o Brasil continuaram seu diálogo no cinema. Em 1998, numa co-produção brasileiro-portuguesa, Helvécio Ratton filmou *Amor & Cia*, com atuações de Marco Nanini, Patrícia Pillar e Alexandre Borges, numa adaptação livre de *Alves & Cia.*, novela escrita por Eça em 1883 e publicada postumamente em 1925.

(O.D.)